



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARIA EMYLLEN DANTAS NEVES

“SEJA SEMPRE POETA, MESMO EM PROSA”: A FACE PEREGRINA DE ANAYDE
BEIRIZ (PARAÍBA, SÉCULO XX)

**CAJAZEIRAS-PB
2022**

MARIA EMYLLEN DANTAS NEVES

“SEJA SEMPRE POETA, MESMO EM PROSA”: A FACE PEREGRINA DE ANAYDE
BEIRIZ (PARAÍBA, SÉCULO XX)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosemere Olímpio Santana.

CAJAZEIRAS-PB
2022

N518s Neves, Maria Emyllen Dantas.
“Seja sempre poeta, mesmo em prosa”: a face peregrina de
Anayde Beiriz (Paraíba, século XX) / Maria Emyllen Dantas Neves. -
Cajazeiras, 2022.
51f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olímpio Santana.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2022.

1. Educação feminina. 2. Anayde Beiriz. 3. Paraíba. 4.
Escrita. 5. Resistências. I. Santana, Rosemere Olímpio. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

UEGG/CFP/BS

CDU 37.055.7(813.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

MARIA EMYLLEN DANTAS NEVES

“SEJA SEMPRE POETA, MESMO EM PROSA”: A FACE PEREGRINA DE ANAYDE
BEIRIZ (PARAÍBA, SÉCULO XX)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosemere Olímpio Santana.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Rosemere Olímpio Santana.
(UACS/CFP/UFCG – Orientadora)

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
(UACS/CFP/UFCG – Examinador 1)

Prof.^a Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino
(Rede Estadual de Ensino – Examinador 2)

Prof. Ms. Leonardo Bruno Farias
(FASP – Suplente)

Ao meu amado avô Francisco Cícero das Neves (in memoriam), que sempre viveu esse sonho comigo dedico.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Ao final de cada ciclo, sempre há muito a agradecer. Durante a minha graduação, tive o privilégio de conhecer muitas pessoas que, sem dúvidas, tiveram uma contribuição para a profissional que me formo hoje. No entanto, algumas tiveram um papel fundamental durante essa jornada e é a elas que desejo agradecer.

Gostaria de começar agradecendo a minha mãe, meu pai, meus irmãos, e minhas avós que nunca mediram esforços para me apoiar nos meus sonhos e para fazer com que eles se materializassem. Minha mãe, em especial, foi o meu grande exemplo, pois o amor e a dedicação que ela tem pela docência sempre me inspirou a lutar pela educação e por uma formação de qualidade para aqueles que virão depois de nós. Minha mãe transformou a vida de muitos alunos, e hoje eu desejo seguir os passos dela.

Quero agradecer também aos meus amigos, que estiveram e estão comigo vivenciando cada nova experiência de vida. Millena, Andreza, Marianny, Maria Rita, Lívia, Danielly e Gleydson, sempre serei muito grata por todas as partilhas e o acolhimento. À minha dupla de todas as horas, Camila, não tenho palavras para agradecer por todo o incentivo, doação e contribuição para a minha trajetória como historiadora.

Ao meu melhor amigo e amor, Ronny. Você foi a minha paz nos dias mais difíceis, seu cuidado e incentivo nunca me deixaram desistir. Muito obrigado pela paciência e por toda fé depositada em mim.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Rosemere Olímpio Santana, muito obrigado por todo o conhecimento partilhado, por ter guiado os meus passos na escrita e por toda atenção dedicada a minha pesquisa.

Aos meus professores, Viviane Ceballos, Rodrigo Ceballos, Osmar Filho e os demais professores da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores – CFP, que foram a base para a minha formação acadêmica e profissional.

Agradeço a todos que de alguma forma colaboram para esta pesquisa.

E acima de tudo, agradeço a Deus que não apenas promoveu os encontros com pessoas tão especiais, como também sempre me deu forças e coragem para correr atrás dos meus sonhos.

Era necessário deixar um pouco de lado os alfinetes e os bordados que impregnavam a vida feminina e tentar tecer outros rendados históricos em busca de certos ideais.

(Elizabeth Siqueira)

RESUMO

O presente trabalho almeja, sobretudo, refletir sobre a educação feminina na Paraíba do século XX a partir da figura da professora e poetisa Anayde da Costa Beiriz. Para esta investigação, tomamos como referencial as próprias vida e obra da professora e poetisa Anayde da Costa Beiriz, que através das suas práticas emancipatórias e da sua escrita insubmissa deixou contribuições importantíssimas tanto na educação paraibana quanto nas lutas feministas. As principais fontes para o desenvolvimento deste trabalho são as produções da poetisa que foram publicados nos periódicos: Revista da Cidade, Revista Era Nova e Revista Ilustração e hoje estão digitalizadas na Fundação Joaquim Nabuco, bem como as obras *Anayde Beiriz: Paixão e morte na Revolução de 1930* (1983), de José Joffily e *Anayde Beiriz: Panthera dos olhos dormentes* (2005), escrita por Marcos Aranha, além de outros trabalhos outrora produzidos sobre essa intelectual e sobre aqueles que tratam acerca da educação feminina no período supracitado. Dessa forma, pretendemos pensar uma Anayde Beiriz que viveu e produziu a si mesma em seus escritos, linhas em que estão imbricadas a sua subjetividade e a sua singularidade, de modo que consideramos importante esmiuçar aqueles que foram as bases da sua formação social, sob os contornos do período em que viveu, e que trazem o seu legado de resistências e de conquistas, a sua escrita literária e o seu magistério. Assim, para a construção deste trabalho, dialogamos com autores como Michel Foucault (1982), Margareth Rago (1994), Guacira Louro (2002), Alômia Abrantes (2008), Ana Maria Coutinho Sales (2005), Maria do Socorro Cipriano (2002) dentre outros.

Palavras-chaves: Anayde Beiriz. Educação feminina. Escrita. Resistências. Paraíba.

ABSTRACT

The present work aims, above all, to reflect about the female education in the 20th century in Paraíba as from the figure of the teacher and poet Anayde da Costa Beiriz. For this investigation, take all into as reference the life and work of the teacher and poet Anayde da Costa Beiriz, who through her emancipatory practices and her unsubmitive writing left very important contributions to Paraíba education and in feminist struggles. The main sources for the development of this work are the productions of the poet which were published in the periodicals: *Revista da Cidade*, *Revista Era Nova* and *Revista Ilustração* and, nowadays it is digitalized at Fundação Joaquim Nabuco, as also the works *Anayde Beiriz: Paixão e morte na Revolução de 1930 (1983)*, by José Joffily and *Anayde Beiriz: Panthera dos olhos dormentes (2005)*, written by Marcos Aranha, beyond the other works previously produced about the intellectual mentioned and on those who deal with female education in the aforementioned period. In this way, is worth highlighting the intend to think about an Anayde Beiriz who lived and produced herself in her writings, lines which are imbricated her subjectivity and her singularity, so that take into account the importance to scrutinize those that were the bases of her social formation, under the contours of the period in which lived, and that bring the legacy of resistance and achievements, to her literary writing and her magisterium. Thus, for the construction of this work, we dialog with authors such as Michel Foucault (1982), Margareth Rago (1994), Guacira Louro (2002), Alômia Abrantes (2008), Ana Maria Coutinho Sales (2005), Maria do Socorro Cipriano (2002), among others.

Keywords: Anayde Beiriz. Female education. Written. Resistances. Paraíba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 NO LABIRINTO DA MEMÓRIA: NARRATIVAS E ESQUECIMENTO	12
2.1 “CRÊM ELES QUE SOU TRÁGICA”	13
2.2 PARAHYBA MULHER MACHO	16
2.3 CHAMAM-ME DE PANTHERA DOS OLHOS DORMENTES	19
3 LETRAS, LEITURAS E LIBERDADE	24
3.1 CORPO EDUCADO: O LUGAR DO <i>BELO SEXO</i> NA EDUCAÇÃO PARAIBANA DURANTE O SÉCULO XX	25
3.2 ESCRITORAS E PROFESSORAS: O PERFIL FEMININO DA TRANSGRESSÃO	28
4 A FACE REVELADA	34
4.1 VIVEU PARA SI? A VOZ DE ANAYDE BEIRIZ	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A publicação do livro *Anayde Beiriz – Paixão e morte na Revolução de 30*, escrito pelo historiador José Joffily na década de 1980, inscreve-se no cenário paraibano como um marco na construção de uma corporeidade para a professora e poetisa Anayde Beiriz. A produção de Joffily tem como objetivo fabricar uma narrativa de vida de Anayde aproximando-a, através do seu relacionamento com o advogado João Dantas, aos acontecimentos fatídicos que culminaram na Revolução de 1930.

Inspirado na obra, três anos depois, estreou o filme *Parahyba Mulher Macho*, da cineasta Tizuka Yamazaki, acontecimento que suscitou um intenso debate nos meios de comunicação e na produção historiográfica da época, uma vez que projeta em Anayde uma imagem que é representada pelo corpo. Esse corpo aparece repleto de significados, muitas vezes entendidos por alguns como uma identidade libertária e libidinosa. A personagem transposta na narrativa não apenas desagradou a uma grande plateia da Paraíba, incluindo pesquisadores e políticos, como também contrariou os familiares da professora que chegaram a mover um processo contra a cineasta. Muito embora essas produções tenham sido publicizadas em meio a duras críticas, foram elas as responsáveis por romper com o silêncio que permeou por mais de 50 anos a história de Anayde.

No entanto, a fim de conferir uma outra visibilidade aos signos que marcam a imagem da professora, em 2005 foram publicadas na obra do historiador Marcos Aranha *Anayde Beiriz: Panthera dos olhos Dormentes* as correspondências trocadas entre Anayde e o ex noivo, Heriberto Paiva. O objetivo de Aranha com a divulgação dessas missivas era ir de encontro a narrativa fílmica de Tizuka, e apresentar uma Anayde que, como ele mesmo coloca, “parece deixar entrever um ser feminino com sonhos e desejos de um casamento, uma casinha, dois filhos, paz e outras trivialidades” (ARANHA, 2005, p. 41) distinta da personagem apresentada na película, ao qual ele condena como “uma prostituta apaixonada por um reacionário” (ARANHA, 2005, p. 36).

É de certo que há por parte dessas produções uma preocupação em presentificar a imagem de Anayde e um apelo a uma verdade sobre ela, de modo que se delineia um conflito entre as narrativas, na medida em que uma a inscreve em um território da sexualidade mais livre e a outra demonstra um interesse em normatizá-la. Essas práticas discursivas e não discursivas nos permitem pensar Anayde Beiriz comumente ligadas aos jogos amorosos, seja através do seu relacionamento com Heriberto Paiva, seja com João Dantas.

A leitura dessas produções acabou incitando alguns questionamentos, como, por exemplo: quem foi a intelectual Anayde Beiriz? Quais eram as suas referências, as suas lutas? Como pensá-la deslocada das suas relações amorosas? Como ela vivenciou a Paraíba no início do século XX? Reconhecendo a impossibilidade de pensá-la totalmente deslocada da esfera amorosa, uma vez que boa parte das suas produções está imersas nessas temáticas, e procurando não estabelecer uma verdade sobre ela, optamos por ler Anayde Beiriz através de outras questões, mas também considerando as informações daquelas que tentaram produzi-la, mas sob um outro olhar. O que pretendemos é refletir a respeito da vida e da obra da professora que se formou com láureos na Escola Normal da Paraíba e ensinou jovens e adultos em uma vila de pescadores de Cabedelo, a escritora romântica, rebelde, que usava das suas linhas para respirar, para libertar-se. A Anayde mulher que viveu em uma Paraíba transitória e não negou a si o privilégio de viver sob os seus próprios termos. Nesse sentido, analisaremos algumas das produções que vieram sob a perspectiva de presentificar a professora, ao construir uma corporeidade para a mesma, na medida em que também buscaremos refletir acerca da Paraíba em que Anayde viveu, e os papéis construídos para o feminino nesse contexto, especialmente no que se refere ao magistério. Por fim, a traremos através das suas produções, entendendo -os não como uma verdade absoluta, mas como uma fresta para que possamos compreender um pouco mais acerca das posturas e visões de mundo.

Para iluminar tais questões, usaremos como fontes os escritos de Anayde Beiriz que não foram perdidos em meios aos acontecimentos que marcaram a revolução de 1930, entre eles estão os poemas que foram publicados em alguns periódicos e revistas da época, a exemplo da Revista da Cidade – Recife, Revista Era Nova e Revista Ilustração que hoje se encontram digitalizadas na Fundação Joaquim Nabuco. Também faremos uso das obras *Anayde Beiriz: Paixão e morte na Revolução de 1930*, escrita por José Joffily (1983) e *Anayde Beiriz: Panthera dos Olhos Dormentes*, do jornalista Marcos Aranha (2005) que, além de conterem alguns dos escritos da poetisa, também trazem uma análise do período supracitado e algumas contribuições de outros intelectuais que dividiram esse momento da história com Anayde. Debruço-me também sobre a produção filmica de Tizuka Yamazaki (1983), *Parahyba Mulher Macho*, para que possamos compreender as representações que foram construídas a respeito da professora Anayde.

Nos estudos sobre memória, representações, sexualidade e poder, encontramos os aportes teóricos necessários para a construção da pesquisa. Logo, contamos com as contribuições de Maurice Halbwachs (1992) e Le Goff (1990), para pensarmos as questões ligadas à memória. Como também partimos das influências de Michel Foucault (1982),

Margareth Rago (1994) e Guacira Louro (2002) no tocante às fundamentações de corpo, sexualidade e poder. Assim como também foi de fundamental importância as pesquisas de Alômia Abrantes (2008), Maria do Socorro Cipriano (2002), Ana Maria Coutinho Sales (2005), entre outros nomes, para que pudéssemos refletir sobre a vida, as obras e o contexto histórico em que Anayde Beiriz viveu.

Objetivamente, o primeiro capítulo intitulado **No labirinto da memória: narrativas e esquecimento** tem como objetivo tratar não apenas das tentativas de construção de uma memória para Anayde, que se deu com a publicação da obra de José Joffily mais de meio século após a morte dela, como também refletir como essas produções produziram uma corporeidade para a professora, reafirmando estereótipos ou mesmo questionando os que foram outrora produzidos.

Feito isso, os rumos tomados pela pesquisa nos levam a pensar o contexto em que Anayde se fez mulher, professora e poetisa, de maneira que surge a necessidade de explorar a Paraíba do século XX e os espaços construídos para o feminino, especialmente no que diz respeito ao setor profissional. Desse modo, o segundo capítulo da pesquisa, **Letras, leitura e liberdade**, tenciona explorar o ser professora e a própria Anayde enquanto professora, em suas manifestações e resistências.

Por fim, o último capítulo da pesquisa, **A face revelada**, delinea-se de maneira que possamos, enfim, reconhecer a singularidade e as vertentes pessoais de Anayde Beiriz através dos seus escritos. Uma vez que nas produções da professora está imbricada a sua própria subjetividade, entendemos que a análise dos seus textos nos permite também perceber a sua própria visão de mundo.

2 NO LABIRINTO DA MEMÓRIA: NARRATIVAS E ESQUECIMENTO

Talvez algum dia você ouça falar em mim; seja qual for o caminho que eu seguir você fique certo de que é em busca do esquecimento: seja o do vício, seja o da morte...
(Anayde Beiriz)

O corpo que buscamos analisar é o de Anayde da Costa Beiriz, professora e poetisa que surgiu a cena na Paraíba, das primeiras décadas do século XX, terreno propício aos ideais de modernidade. Anayde nasceu em 18 de fevereiro de 1905, na capital da Paraíba, filha da sertaneja Maria Augusta e do tipógrafo José da Costa Beiriz.

Aos 17 anos, diplomou-se pela Escola Normal Oficial do Estado como a primeira de sua classe, conquistando um destacado espaço. Em seguida, passou a lecionar em uma pequena colônia de pescadores de Cabedelo onde durante o dia lecionava para crianças, e durante a noite desenvolvia atividades educativas com jovens e adultos. De acordo com a pesquisadora Sales (2005), como professora Anayde se destacava pela sua paciência e dedicação, quando, por vezes, mesmo após terminado o horário das aulas, permanecia na classe para tirar dúvidas e atender os estudantes. Como amante das letras, era uma moça muito conhecida no meio poético, filha de tipógrafo, Anayde desde muito cedo teve a possibilidade de circulação dos seus textos. A poetisa também era frequentadora assídua dos saraus lítero-dançantes promovidos pelas rodas da sociedade, chegando a fazer parte de um movimento intelectual conhecido como os *Novos*, onde era a única mulher entre eles. Ela ainda atuou como jornalista colaboradora na *Revista da Cidade – Recife*, em seu terceiro ano de circulação, e publicou poemas nos periódicos: *Revista Ilustração*, *Revista da Semana*, e na revista *Era nova* que durante a década de 1920 simbolizou o ideal de modernização da província.

Anayde sempre foi muito elogiada pela sua beleza. Entre os seus amigos, era conhecida como Panthera dos Olhos Dormentes, apelido atribuído a ela devido ao seu olhar marcante e, como a própria explica, por gostar de tudo que é vermelho. Anayde era considerada ousada em sua aparência, não apenas pelas roupas decotadas e pelos lábios de cor *rouge*, mas até mesmo por seus cabelos curtos demais para os padrões da época, o que levava alguns a associá-la às “mulheres damas”. Oliveira (2000) destaca que:

Há no corpo de Anayde uma marca definidora de sua identidade: é arrelhiada, extrovertida demais para uma época em que o corpo da mulher é trabalhado para a resignação, para a introspecção. Seus desejos e necessidades de ser uma mulher independente estão em discordância com o que é culturalmente aceito para uma jovem nesse período. (OLIVEIRA, 2000, p. 2)

A professora e poetisa deixou um legado importantíssimo para a literatura através da sua escrita moderna e da sua contribuição para a história das mulheres. No entanto, as principais referências sobre ela ainda são marcadas pelos seus envolvimento amorosos com o médico Heriberto Paiva e com o advogado João Dantas, protagonista das tramas políticas e morais que se desenrolaram durante a revolução de 1930.

Por muito tempo, a historiografia silenciou e mistificou o nome de Anayde. Após a sua morte, poucas das suas produções escaparam da fogueira do conservadorismo, visto que, após a sua morte, todos os seus escritos que foram considerados obscenidades foram destruídos. Foi apenas na década de 1980, com as divulgações da obra escrita pelo historiador José Jofilly, *Anayde Beiriz – Paixão e morte na Revolução de 30* (1983), da película *Parahyba Mulher Macho* (1983) da cineasta Tizuka Yamazaki e, posteriormente, da obra de Marcos Aranha, *Anayde Beiriz: Panthera dos olhos Dormentes* (2005), que se buscou romper o silêncio acerca da história de Anayde a fim de se construir signos que dessem visibilidade à imagem da professora.

É de certo que há por parte dessas produções uma preocupação em preservar a imagem de Anayde e um apelo a uma verdade sobre ela. No entanto, é de única certeza a impossibilidade de compreendê-la completamente, especialmente quando o que se produz sobre ela tende a inscrevê-la, quase que exclusivamente, nos territórios do amor e da sexualidade. Como qualquer ser humano imerso em suas contradições, poderia ela ser tudo o que especularam, a militante, a meretriz, a revolucionária, no entanto, Anayde se fez professora, poetisa e uma mulher que representou, em seu comportamento insurgente, um momento de transformação das mentalidades. Foi muitas e muito mais que amante de um perrequista e vítima de uma sociedade.

2.1 “CRÊEM ELES QUE SOU TRÁGICA”

Haveria uma medida entre aquilo que deve ser esquecido e o que merece ser lembrado? Segundo o historiador Halbwachs (1992), a memória pode ser entendida como um processo de reconstrução do passado realizado a partir de referências do presente. Logo, ela passa por um processo de seleção que no plano coletivo serve ao interesse do grupo. Esse processo de formação das memórias acaba cumprindo o papel social de construir uma identidade para esses grupos, mantendo-os coesos. Portanto, as memórias vivem em função do interesse do grupo em cultivá-las. Le Goff (1990, p. 422) alerta que:

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória e imagem coletiva.

Quando entendemos a memória como esse processo de reelaborar informações e experiências, concebemos que o esquecimento pode ser tratado como uma categoria da memória e que ele está sujeito a diversos fatores, tais como os sentimentos e as memórias políticas. Assim, as memórias podem ou não serem silenciadas pela memória coletiva oficial. A partir disso, tentamos compreender o que levou a história de Anayde a residir por tanto tempo no esquecimento, considerando que a professorinha se afastava dos padrões daquela sociedade, e não era considerada digna de ser inserida na história oficial da Paraíba.

Bem sabemos que os acontecimentos que levaram a revolução de 1930 vestiram os seus personagens, alguns com a roupagem de herói/mártir e outros tantos com a roupagem de vilões. Para Anayde foi dado apenas o silêncio, por um longo tempo. Foi apenas na década de 1980 com a publicação do livro *Anayde Beiriz: Paixão e morte na Revolução de 1930*, escrito pelo historiador José Joffily, que a história da professora passou a ser narrada e publicizada.

O livro escrito por Joffily foi fruto da sua inquietação quanto à tentativa de apagar a Anayde ou por em sua boca dizeres não ditos em nome da sacralização do presidente morto. A partir dessa obra, Anayde foi inscrita nas tramas da Revolução e passou a ser presentificada na produção da imprensa e da literatura paraibana. O prefácio da obra, escrito por Célia Musilli Holanda, dedica-se a revelar a face de Anayde e de seus escritos que, conforme a prefaciadora, são sempre marcados pela tônica do abandono e da solidão que marcam o sentimento das protagonistas “amantes audaciosas, dispostas a tudo pelo amor devotado, quase sempre, não a homens comuns, mas a artistas e intelectuais em busca de novas paixões” (HOLANDA apud JOFFILY, 1983, p.9). A prefaciadora ainda acrescenta que o que difere os escritos de Anayde daqueles que são consumidos pelas ingênuas leitoras do *Jornal das Moças* são as suas linhas ousadas repletas de “ornamentos românticos”.

Anayde Beiriz se fazia assim uma mulher considerada por muitos como à frente do tempo em que vivia. Para Holanda (1983), isso fica ainda mais claro nas influências modernas marcadas na literatura da poetisa, quando constantemente denunciava as amarras da sociedade patriarcal de sua época. A prefaciadora ainda acrescenta que a escrita de Anayde, mesmo escassa, permite um desenho caricatural da poetisa, e deve ser ela o único indicativo para uma tentativa de reconhecer os seus valores, propósitos e aflições. Somente através das suas linhas podemos perceber os seus anseios de liberdade e justificativa para sua morte.

Ditas as palavras iniciais, Joffily (1983) passa a construir o cenário que deu visibilidade aos fatídicos acontecimentos da vida de Anayde Beiriz, assim contextualiza a conjuntura política e econômica da Paraíba nas primeiras décadas do século XX. Para que se faça entender a trama da vida da professora, o escritor faz um itinerário desde acontecimentos da sua infância até chegar a sua vida adulta. Percebe-se que ao caracterizar a personalidade da personagem, Joffily (1983) vai tecendo críticas à hipocrisia da sociedade que condenou Anayde, bem como revela a maneira resiliente com que Anayde reagia às maledicências em torno de seu nome.

Aos poucos o autor vai construindo o cenário em que a vida da professora se desenvolveu, percebemos os arranjos sociais em que prevalecia uma ideologia de domesticidade para a figura feminina, a mulher seria, então, responsável pelo lar e pela família, devia ela valorizar o casamento higiênico. No entanto, para Joffily (1983), Anayde não parece se encaixar nesses ideais de matrimônio. Em uma passagem, ele destaca o desejo da poetisa de não se prender às convenções e cultivar o amor livre com o seu parceiro João Dantas. Nesse sentido, o amor nutrido por Dantas e Anayde era inscrito por muitos no território da imoralidade, uma vez que não se enquadrava nas normas sociais que balizavam as relações amorosas, o que leva a professora a ser apontada como a “amante” de João Dantas, mesmo ambos sendo solteiros.

Descrevendo os dramas da vida da professora, Joffily (1983) vai discorrendo sobre as características da sociedade semicolonial em que ela vivia. A Paraíba, nas primeiras décadas do século passado, ainda era uma sociedade dividida entre os coronéis e aqueles que eram explorados, refletindo as heranças escravocratas. A situação econômica era de crise e subdesenvolvimento, tanto que, das quarentas cidades da província, apenas metade dispunha de energia elétrica. A classe trabalhadora, em sua grande maioria composta por analfabetos, não manifestava seu poder reivindicante, tão pouco questionava as práticas abusivas do patronato, tais como o cambão. Assim, em meio a um sistema econômico primitivo, o modelo da família patriarcal era igualmente primitivo, cristalizando a mulher no papel de dona do lar, assim como ao homem caberia o papel de provedor.

Em meio à necessidade que se tinha de proteger a mulher entre as paredes do lar, “à semelhança de uma sinhazinha ao tempo da escravidão” (JOFFILY, 1983, p. 34), o autor considera que Anayde foi uma das primeiras mulheres a sair às ruas desacompanhada, a abandonar as saias longas e cortar os cabelos “à la garçonnette” – uma moda parisiense que geralmente era utilizada por aquelas consideradas “mulheres damas”. Ainda que Anayde representasse a mulher em seu comportamento adverso, o historiador não encontrou escritos o suficiente que lhe deixassem confortável para rotulá-la como feminista, ou atuante em

quaisquer movimentos políticos. A vertente de Anayde era outra, uma revolução puramente cultural.

Para Simone Beauvoir, uma das maiores precursoras do feminismo no século XX, “não se nasce mulher, torna-se mulher” e foi nos fluxos desejantes, na prosa, na poesia e em sua dedicada atuação como professora que Anayde se fez mulher. Na perspectiva colocada por Joffily (1983), uma mulher apaixonante e apaixonada que possuía uma sensibilidade singular. A heroína da narrativa contada pelo autor é essa que fez da morte a sua maior revolução, seu ato de libertação. O autor coloca que “nota-se que Anayde jamais tinha demonstrado vocação suicida. Amava a vida na plenitude dos seus 25 anos. Livrou-se da vida não por amor à morte e sim porque não havia outro jeito.” (JOFFILY, 1983, p.46) É nítida a tentativa do autor de isentar a professora da responsabilidade pela sua morte, a sociedade seria a responsável por vitimá-la ao condená-la como a amante do assassino de João Pessoa, fora esse o início do martírio de Anayde. Joffily (1983) discorre sobre os últimos dias de vida da personagem para que se faça entender o estado de espírito em que a moça se encontrava, a agonia que foram os dias de Anayde desde a exposição de sua intimidade até a morte do seu noivo.

Da professora, durante meio século, nem mesmo dos seus despojos se teve notícias. A causa da morte teria sido envenenamento, e disso se soube apenas pela carta da madre superiora, Maria José de Nazaré Breves, que informou a morte da professora no Asilo Bom Pastor, da cidade de Recife. A obra de José Joffily pode ser então entendida como uma homenagem a Anayde Beiriz, uma tentativa de defender sua memória que por tantas vezes foi maculada por aqueles que se consideravam guardiões da moralidade, uma tentativa de resguardar seu corpo da violência que sofreu. Para muitos, Anayde não foi heróica, tão pouco mártir, mas sem dúvidas foi uma mulher fascinante.

2.2 PARAHYBA MULHER MACHO

Baseado na obra de Joffily (1983), o filme *Parahyba Mulher Macho* (1983), da cineasta Tizuka Yamazaki, busca contar a história da professora e precursora do feminismo na Paraíba, tendo como plano de fundo os acontecimentos que culminaram no episódio da Revolução de 1930. Logo nas cenas iniciais, a direção do filme se exime de quaisquer compromissos com a verdade ao colocarem que, apesar de tratarem de personagens reais, o filme representa-os a partir de uma livre interpretação dos realizadores. No entanto, o efeito do real transposto na película é recebido com muita polêmica no cenário Paraibano, na medida em que foi definido como “uma produção feminina em louvor da ‘Mulher Guerreira’” (JORNAL DO BRASIL,

1983, p. 8). Também foi acusado de “Levar de roldão a verdade histórica e o respeito a honra de uma família e da sociedade paraibana.” (BRITO apud ARANHA, 2005, p. 36).

Ao tratarmos da relação entre História e cinema, consideramos que o filme foi definitivamente elevado à categoria de objeto histórico por volta dos anos de 1970, dentro dos domínios da Nova História. Considerando Rosenstone (2010), podemos compreender que o drama histórico certamente traz uma história do passado e a imprime a partir de uma interpretação do acontecimento narrado com base nas convenções próprias da linguagem fílmica. Ponto que, por sua vez, Tizuka usa para defender a sua obra de críticas acerca dos episódios em que a veracidade da narrativa é questionada. Para a cineasta “se a história está correta ou não está correta. Esta é uma versão minha e dos autores do filme e pode ser interpretada de diversas formas”. Ao jornal de Minas, Tizuka foi enfática ao afirmar que pouco tinha sobre a vida de Anayde, logo “fantasiamos e compus a personagem dentro daquilo que imaginei ter sido Anayde”¹

Para o historiador Ferro (1976), podemos pensar um filme como um testemunho singular do seu tempo, uma forma de se pensar determinados períodos históricos, uma vez que aqueles que o produzem estão inseridos em determinados lugares sociais, nos quais compartilham diferentes percepções acerca do real. Logo, a proposta do filme produzido por Tizuka Yamazaki vem sob uma perspectiva de retratar Anayde de maneira mais corpórea, rasgando o verbo da tradição vigente, em um cenário nacional de emergência de vários movimentos sociais que buscavam repensar os moldes da sociedade e anunciavam mudanças profundas nos lugares historicamente construídos para se pensar o feminino e o masculino.

Em meio a esse cenário de rupturas, o filme é recebido sob duras críticas e um amplo debate na imprensa da época. Isso se deu não apenas pela inscrição de Anayde no território da sexualidade, mas também porque, ao contar a história da poetisa em meio aos acontecimentos da Revolução de 1930, a produção contrariou o lugar de herói comumente ocupado por João Pessoa, e buscou heroicizar Anayde. Como foi publicado no Jornal do Brasil, caderno lado B, capa, no dia 28 de agosto de 1983, sobre o enredo:

A heroína seria Anayde Beiriz, a década de 30 [serviria de] pano de fundo para os acontecimentos. Nem a Aliança Liberal de João Pessoa, nem do Partido Republicano de João Dantas [são destaques do enredo], mas o partido da professora primária que escandalizaria a Paraíba no final dos anos 20, tanto pelas ideias que manifestava através de jornais alternativos da época, como pelo comportamento.²

¹Tizuka fala sobre a repercussão do filme no Jornal de Minas, edição 20 de novembro de 1983.

² Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24.nov. 1982; 11.jan.1983; 28.ago.1983; 24.nov.1983.

Nesse sentido, *Parahyba Mulher Macho* buscou construir novos sentidos e signos para a conjuntura política paraibana, colocando Anayde como figura marcante dos processos políticos que evidenciaram as primeiras décadas do século passado na história da Paraíba. O longa-metragem acaba por estabelecer um olhar no qual a personagem é a figura mais importante. Ao fazer isso, Tizuka busca vestir em Anayde a roupagem da mulher emancipada, libertária e à frente do seu tempo, como ordinariamente a professora é descrita. A intenção da cineasta fica explícita em cenas do filme que passamos a abordar.

Nas cenas iniciais da trama nos é apresentada uma Anayde (interpretada pela atriz Tânia Alves) jovem que, em sala de aula, escreve um poema de amor e através de movimentos com a boca simula a cena de um beijo romântico. Mesmo ao ser repreendida e esbofeteada pela professora, a jovem não se intimida e passa a proclamar o seu escrito de maneira performática para toda a classe. Em outra cena, podemos perceber uma Anayde já adulta que se insere no ambiente do masculino e pede ao barbeiro que corte seus longos cabelos *à la garçonne*, como plano de fundo, pode-se ouvir as pessoas que assistem à cena escandalizadas com a moça que cortava o cabelo “igual de homem”.

No decorrer da narrativa, o romance entre Anayde e o advogado perrepipista João Dantas (interpretado pelo ator Cláudio Marzo) se desenvolve, e por vezes a professora aparece em cenas eróticas, exprimindo a natureza intensa e apaixonada da poetisa. Há no corpo de Anayde a marca definidora da sua personalidade, que é rebelde demais para uma época em que o corpo feminino é educado para a submissão. Como bem pontua a historiadora Abrantes (2008) sobre a figura corpórea de Anayde:

Vê-se então a imagem de um corpo que, individualizado, muito fala de um *corpus* social, um *corpus* de linguagem, tecido em camadas discursivas, que o põem de pé, fazem-no caminhar, gesticular, sentir prazer, dor, amar, odiar, morrer e ressuscitar muitas vezes. Se tanto se fala de Anayde Beiriz, fala-se de corpo. (ABRANTES, 2008, p. 34)

Constrói-se para Anayde um corpo pulsante, que sente, que ama e que se faz amar. A personagem estabelece contornos para si insinuantes e sensuais. Ela se faz protagonista em seus jogos amorosos, reivindicando o direito de amar a quem escolher, de buscar o prazer e expressar os seus desejos. É assim que surge Anayde Beiriz e o seu corpo insurgente.

Em meio à efervescência da política paraibana, Anayde aparece declamando em saraus lítero-dançantes e escrevendo poemas e periódicos para jornais locais falando sobre política. Em uma cena, Anayde declama o trecho de um dos seus escritos “Elevemos a mulher ao eleitorado, é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada [...] convidamo-la a

colaborar com o homem na oficina da política”. Em um contexto que o movimento feminista ganhava espaço nos debates, a professora questiona a sujeição das mulheres, a todo o momento colocando em evidência sua revolta acerca da menoridade feminina na política do país.

Em sua tese de doutorado, Abrantes (2008) reitera que o filme se faz um texto político, ainda que não tivesse assumido essa intenção. A historiadora aponta que:

Anunciando a pretensão de denunciar diferenças, [a produção] cria para isso uma corporeidade que representa(va) anseios, se não legítimos da própria Anayde Beiriz, decerto, próximos a inúmeras mulheres que viviam as últimas décadas do século que esta viu começar junto com sua existência. (ABRANTES, 2008, p. 38).

É de certo que vemos no corpo de Anayde Beiriz a possibilidade de várias inscrições, uma identidade que representa outras tantas mulheres, outras Anaydes, que viveram a Paraíba do século XX. Poderia ser ela uma mulher materna, dedicada e cuidadosa, mas decidiu forjar a si mesma para além destes discursos construídos social e culturalmente, discursos voltados para vigiar e punir o corpo feminino. Assim, as cenas finais do filme, mostram como Anayde foi punida em várias instâncias pelas suas transgressões, o corpo da poetisa virou objeto de análise pública através da circulação das fotos e poemas de cunho erótico que foram expostos na delegacia da cidade após vir à tona o seu romance com João Dantas. Por fim, vemos Anayde andando pelas ruas de Recife, em seus braços um chale, um frasco de vidro e uma bolsa. Em suas feições, um sorriso, de quem vai de encontro ao destino que escolheu para si. O que se passa em sequência é a informação de que Anayde se suicidou 16 dias após a morte de João Dantas.

2. 3 CHAMAM-ME DE PANTHERA DOS OLHOS DORMENTES

Através das influências de Foucault (1982) e de outros trabalhos que pensam a sexualidade como construção de saber e poder, percebemos que a partir do século XIX nascia no Ocidente uma tecnologia totalmente nova, uma ciência da sexualidade que buscava calar uma verdade sobre o sexo que, para muitos, era considerada perigosa. Foi nesse período em que os discursos em torno do sexo se fortaleceram, seguidos de proibições que estimularam o poder ao se falar da sexualidade dentro das instituições.

Essa ciência do sexo, balizada a partir das concepções religiosas, fazia da sexualidade uma questão preocupante. Assim, são construídos vários dispositivos no seio da sociedade para “higienizar a família”, onde se prescrevem normas principalmente para as mulheres. Essa

produção discursiva que se passa a ter em torno da sexualidade é acompanhada de uma série de interdições que busca imacular a figura feminina, limpá-la de quaisquer associações ao que fosse considerado perversão. Após a publicização das obras de Joffily e Tizuka, tem-se essa mesma intenção em torno de Anayde, de criar discursos a fim de normatizar o corpo da professora outrora sexualizado. Em 1995, Maria de Lourdes Luna publicou o livro *João Dantas e Anayde Beiriz: Vidas diferentes, destinos iguais*, uma obra escrita sobre a perspectiva de limpar a memória de Anayde e do seu amado da imagem sedutora e libertina que havia estampado o filme.

Lourdes Luna, na época, era secretária de José Américo de Almeida, uma figura próxima ao casal, tão logo o livro possui um caráter mais testemunhal. Partindo de uma crítica sobre a projeção da imagem de Anayde na película, Lourdes Luna (1995) questiona o erotismo que encarna a professora nas telas, a autora chega até mesmo a argumentar sobre a inexistência de cartas amorosas trocadas entre Anayde e Dantas. Em entrevista ao jornalista Severino Ramos, a ex-secretária de José Américo afirmou³:

Essas cartas nunca existiram. Nunca. Absolutamente não existiram. Sabe que cartas foram estas? Segundo José Américo e os historiadores mais isentos, eram cartas dos constituintes de João Dantas. Tratavam de natureza profissional [...] Não eram cartas de amor.

Poderiam então as tais cartas não passarem de anotações profissionais do advogado? Seria essa mais uma invenção para macular a honra daqueles que iam de encontro às pretensões do Estado? O que de fato se sabe é que não faltaram notas para deprender ou defender essa versão dos acontecimentos, abrindo aspas para Joffily (1976), o historiador que também foi uma testemunha ocular dos acontecimentos comenta o seguinte:

Bem me lembro, quando, a caminho do Colégio Pio X onde estava concluindo o ginásio, entrei numa fila, com outros estudantes, para ler sonetos extravagantes e páginas confidenciais do diário do fogoso advogado. Fanatizados pela Aliança Liberal, todos nós achávamos muito natural aquela violência policial. (JOFFILY, 1976, p. 7-9).

O depoimento de Joffily (ANO) defende uma posição completamente antagônica ao argumento de Lourdes Luna (1995), ao dar como certa a existência desses documentos. Uma outra alegação utilizada pela escritora para criticar as “não verdades” presentes na narrativa do

³ Severino Ramos entrevista Lourdes Lunas: As cartas de João Dantas que nunca existiram. O Norte, João Pessoa, 07 de Jan.. 1996. Especial, p. 7, cl.

filme, foi uma possível autópsia que fora feita no corpo de Anayde e que constataria a virgindade da professora, seria essa a maior prova de sua honra. A utilização da virgindade como uma verdade reflete em muitos os signos que os comportamentos femininos carregavam durante aquele período. O hímen acabava se constituindo como um aporte moral requisitado, sobretudo quando se tratava de defender a dignidade de uma mulher. Na mesma esteira da obra de Lourdes Luna (1995), o livro *Anayde Beiriz: Panthera dos olhos dormentes* (2005), escrito pelo jornalista Marcos Aranha faz um apelo a uma verdade sobre a professora através da publicação de correspondências trocadas entre Anayde e um afeto que viveu durante a sua mocidade com o estudante de medicina Heriberto Paiva.

A intenção de Aranha (2005) é preencher os silêncios existentes em torno da História de Anayde Beiriz através da sua própria escrita, as cartas que trocou com o até então namorado e que reescreveu de próprio punho em um diário que intitulou de *Cartas do meu grande amor*, em que descreve o romance shakespeariano vivido pelo casal. A publicação da obra, feita com autorização da família de Anayde, partiu de um projeto chamado de “Paraíba Verdade” que, como o próprio nome diz, tinha como iniciativa resgatar a verdade sobre acontecimentos considerados importantes para a história da Paraíba.

Como um esforço para (re)construir uma corporeidade para Anayde que a distanciasse da imagem retratada no filme dirigido por Tizuka, descrito como “Grosseiro ferino e de mau gosto” por intelectuais como Higino da Costa Brito, Aranha traz as missivas trocadas entre Anayde Beiriz e Heriberto como o que seria o testemunho da verdade sobre quem foi a professora. Afinal, comumente a escrita epistolar é entendida como uma ilustração de uma realidade vivida ou até mesmo a documentação de uma verdade não narrada. No entanto, sob uma perspectiva historiográfica, é importante colocar que o trabalho com missivas não parte de uma concepção de se revelar um segredo ou mesmo uma verdade para os fatos ocorridos, mas enxergar, para além desses aspectos, a percepção, os sentimentos e as sensações que o missivista experimentou, especialmente no que diz respeito a uma escrita de si. Logo, Gomes (2004, p. 14) destaca:

A escrita de si assume uma subjetividade do seu autor como dimensão integrante da sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua verdade’. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como o autor a expressa. Isto é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.

Percebe-se que ainda assim a obra de Aranha (2005) vê nas epístolas de Anayde e Heriberto uma promessa de se fazer justiça para a projeção corpórea que fora feita, bem como

buscar revelar uma verdade sobre esse corpo. Apesar disso, as missivas apenas permitem uma outra possibilidade de se fabricar Anayde, mais uma materialidade para o corpo da poetisa. Afinal, as missivas fazem parte de um jogo discursivo complexo, repleto de intencionalidades, uma vez que são dirigidas a outrem.

É de certo que as cartas trocadas entre Anayde e Heriberto têm a peculiaridade de transparecer certos detalhes pessoais e íntimos ao casal. Através delas podemos visualizar em Anayde uma mulher que mesmo possuindo ideais modernistas, sob as palavras de Aranha (2005), também nutria sonhos e aspirações normais as mulheres de sua época, como o “casamento, uma casinha, dois filhos, paz e outras trivialidades...” (ARANHA, 2005, p. 41), mas que não pretendia assumir apenas as funções que costumeiramente são atribuídas às mulheres. Em uma das correspondências endereçadas a “Hery”, como Anayde carinhosamente apelidou o namorado, a poetisa não deixa de dar visibilidade ao seu desejo de ser vista para além da ideia de esposa devota, mas também como a amante apaixonada:

[...]Não me creias uma mulher romântica, piedosa, dessas que amam pacífica e sinceramente, mas sem intensidade e sem ardor, essas mulheres que sabem ser mães, mas que não sabem ser amantes. Talvez preferisses que eu fosse desse número e se eu não o quisesse poderia parecer-te sempre assim, mas eu não desejo enganar-te. Se chegar algum dia a ser tua, encontrarás em mim, a esposa, a mãe, a amiga, a irmã e, mais que tudo isso, encontrarás a amante, a mulher.

Ora romântico, ora ardente, a imagem do casamento e da constituição família para o casal é envolta de impulsos amorosos, que ignoram até mesmo a oposição da família de Heriberto ao relacionamento dos dois. Os corpos enamorados inscrevem-se por vezes nos territórios dos desejos e do erotismo, liberando a imaginação em um esforço de superar as distâncias. Na mesma medida que em algumas passagens Anayde se permite expressar a sua sexualidade, o temor em parecer ousada demais a leva a desculpar-se por suas palavras diversas vezes e questionar o que pensa Heriberto sobre as suas declarações:

O sangue corre nas minhas veias com ardências satânicas; o desejo se enrosca no meu corpo como uma serpente de fogo... E tudo isso porque li a tua carta! E que carta louca, meu Amor! Foi-me impossível lê-la sem corar; um rubor do pejo subiu-me às faces e instintivamente levei a mão ao decote do meu vestido como para defendê-lo de ser aberto por ti. Afigurou-me, não estar lendo uma carta tua e sim ter-te junto a mim. Crê, meu Hery, que experimentei a sensação de ter os seus cinco dedos a apertar-me a carne numa carícia violentamente sensual. O leve contacto da roupa irritou-me a pelle, deu-me a impressão de ser o contacto da sua mão nervosa e febril que me percorresse o collo num afago voluptuoso. [...] Se nas minhas cartas eu tenho usado de uma linguagem demasiadamente franca, (não quero dizer livre), é porque, quando te escrevo, deixo o pensamento seguir os impulsos da minha natureza sensual e vibrátil; é porque sei que o amor sincero é confiante e perdoa essas loucuras do coração e dos sentidos.

A poetisa vê-se em conflito entre os seus desejos e o recato e, mesmo optando por se deixar ser envolta pela aura de sensualidade que também transcreve as missivas de seu noivo, ainda o faz de maneira tímida, temendo desagradar seu afeto. O comportamento de Anayde reflete em muito as produções discursivas que demarcavam o papel do feminino na ordem familiar. Apesar disso, não se percebe em Anayde uma tentativa de se encaixar nesse papel, mas um desejo de atender aos interesses do noivo.

Nas últimas correspondências trocadas entre o casal, Anayde se despede de Heriberto após a decepção amorosa com um apelo para esquecer “Se eu pudesse esquecer!... Esquecer!”, mas, ainda assim, a poetisa cuidou em preservar as memórias dos sonhos da sua mocidade. O diário de Anayde não parte, então, de uma perspectiva de produzir a si, mas de materializar as memórias de um grande amor.

Compreendemos, então, que mesmo ocupando lugares opostos, as obras de Tizuka (1983), Joffily (1983) e Aranha (2005) cumprem a um propósito semelhante: a produção de uma verdade sobre quem foi Anayde Beiriz. O que essas produções não parecem perceber, sobretudo ao pensarem Anayde imbricada nos seus jogos amorosos, é o distanciamento que isso constrói sobre quem de fato foi a personagem, que agora é apenas a materialização desses discursos. De um modo ou de outro, não deixa de ser interessante como um século depois a “encarnação” de Anayde ainda aparece engendrada aos dispositivos amorosos, que comumente atuam como um elemento comum à subjetividade feminina.

3 LETRAS, LEITURAS E LIBERDADE

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. [...] nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões.
(PERROT, 2013, p.16).

Pesquisar o universo feminino é sempre um desafio, sua trajetória é marcada por descontinuidades e signos pertinentes às épocas que se manifestam. O que bem se sabe é que durante toda a história do Brasil é possível perceber que as mulheres que não seguiam o arquétipo normatizado pela elite social eram duramente penalizadas, uma vez que seus corpos eram projetados para a docilidade e obediência.

O imaginário republicano que se estendeu ao século XX desde meados do século XIX nos dava mostras incipientes de uma sociedade que se desejava moderna e desenvolvida. Não demorou muito para que se construísse a ideia de uma educação que fosse pautada na escola doméstica e na feminização do magistério, logo as mulheres deveriam ocupar esses espaços através da lógica do cuidado maternal, sendo responsáveis por guiar os saberes da infância e moralizar os costumes. Nessa visão, a educação feminina primava que as mulheres deveriam ser preparadas, primeiramente, para serem esposas, mães dedicadas e, por conseguinte, boas professoras. Louro (2002, p. 447) assinala que:

Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educação das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que a sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, na linguagem republicana, na função social de formadora dos futuros cidadãos.

A educação feminina prezava pelo ensino da leitura, escrita e as quatro operações para que em seguida fosse ensinado às meninas a cozinhar, coser e cuidar dos afazeres domésticos, ao passo em que para os rapazes era ensinado a filosofia, a história, a geografia, entre outras disciplinas. Podemos, então, perceber que em meio a essa reconfiguração da sociedade, os corpos femininos eram vistos como aqueles que tinham a capacidade natural de desenhar os destinos, sendo capazes de promover a educação das crianças desde os seus anos iniciais.

Acompanhando a inserção das mulheres no mercado profissional através do magistério, observa-se também, logo nas primeiras décadas do século XX, o surgimento de movimentos

que visavam expressar a insatisfação das mulheres com a falta de participação na vida pública. Esses movimentos lutavam a favor da liberação feminina, buscando estabelecer espaços políticos e sociais para as mulheres. No interior dessas mudanças, a educação passou a ocupar o centro dos debates, pois na medida em que, para algumas mulheres, o magistério poderia representar a possibilidade da entrada no mundo público, essas novas atribuições acabavam não sendo bem aceitas por grande parte da sociedade, em virtude disso, a maioria das instituições de ensino passou a ser comandada por pessoas ligadas ao setor religioso.

Dessa forma, os colégios normalistas viviam quase um regime religioso, onde as regras e horários eram muito rígidos, tanto para os alunos quanto para as professoras. A disciplina sobre os corpos das professoras era uma preocupação social, ao passo em que se buscava construir um arquétipo rígido para a figura de mestre, forjado não apenas sob as práticas pedagógicas, mas também em suas posturas, técnicas e vestuários.

No seio dessas preocupações, temos Anayde Beiriz, uma professora primária que segue na contramão desses padrões normativos. Através do magistério e da sua escrita insubmissa, a professora busca construir novos sentidos para sua existência, bordando a sua marca na história através das suas próprias palavras. Como evidencia Sales (2005), ao escrever, a mulher não é apenas uma dona de casa ou uma mãe, mas sim a soma das suas possibilidades, o que torna fácil compreender por que as primeiras professoras são também as primeiras escritoras (SALES, 2005, p. 30).

Pontuando essas questões, este capítulo tem como objetivo pôr em foco o magistério e a escrita feminina durante o período supracitado e como estes, na mesma medida em que delimitam, também destacam a participação feminina na vida pública. Nesse ínterim, podemos pensar como Anayde Beiriz, enquanto professora e poetisa, vivenciou essas convenções, para então sistematizar a sua presença e participação no magistério e na literatura da Paraíba do século XX.

3.1 CORPO EDUCADO: O LUGAR DO *BELO SEXO* NA EDUCAÇÃO PARAIBANA DURANTE O SÉCULO XX

A partir da virada do século, a educação passou a ocupar um lugar de privilégio no imaginário nacional e passou-se a investir na abertura de escolas nas capitais estaduais de todo o país. Enquanto isso, pensava-se em um ensino específico para mulheres, embasado em ótica cristã e na ideia de uma domesticidade.

Nas aulas, as jovens eram levadas a aprimorarem as habilidades de costura, bordado, culinária e domínios da casa em geral. No seio da sociedade paraibana, nutria-se a convicção de que a educação feminina deveria se limitar às questões ligadas ao lar e ao matrimônio, uma vez que esse era o lugar social reservado para as mulheres. Frente às novas formas de sociabilidade que a modernidade anunciava, a sociedade ainda abraçava-se aos códigos e convenções morais, inseguros sob as incertezas que o futuro representava. Logo, da educação se esperava os limites sociais construídos para os dois sexos, nos quais as mulheres eram resignadas ao espaço doméstico, e os homens para atuação no espaço público e na esfera do trabalho.

Segundo Maia (2007), a chegada da modernidade anuncia um momento marcado pela idealização de um modelo de família e conjugalidade, em que estes seriam os núcleos fundamentais da sociedade. Para muitos intelectuais da época, a ideia do progresso para a sociedade estaria, então, diretamente ligada à família, “é preciso manter o lar para salvaguarda da colectividade” (MAIA, 2007, p. 76). De certa maneira, esses modelos buscavam assegurar a submissão das mulheres ao lar e aos seus maridos sob novas formas de controle da vida, dos corpos e dos movimentos, conseqüentemente esses códigos também limitavam o acesso feminino às instituições públicas e à política. Maia (2007) ainda acrescenta que mesmo através dos ares libertários representados pelas primeiras décadas do século XX, a elite conservadora buscou elevar a importância dos valores familiares como resposta aos hábitos modernos.

A presença das mulheres, por sua vez, tornou-se mais visível em cenários públicos, ainda que alicerçada aos padrões morais preestabelecidos socialmente. O cenário urbano também passou a ver mais do feminino, nas ruas, praças e cinemas. Sobre isso, Rago (1985, p. 63) assinala:

A invasão do cenário urbano pelas mulheres (...) não traduz um abrandamento das exigências morais (...). Ao contrário quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho.

Mesmo em um cenário que oferecia maiores oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho, ainda existiam mecanismos e dispositivos discursivos que restringiam as novas ocupações do feminino, tendo em vista que o mundo do trabalho era entendido como uma oposição ao ambiente sagrado do lar. Além disso, ainda temia-se pela autonomia que o trabalho assalariado poderia garantir a essas mulheres, tanto financeira como socialmente, indo de encontro às prerrogativas do domínio e da masculinidade dos homens.

Um leque de práticas discursivas tratou de delimitar as funções que poderiam ou não ser exercidas pelas mulheres, tanto sob a ótica de que eram incompatíveis com as atribuições da maternidade e do casamento, como sob a prerrogativa de que a própria condição biológica do corpo feminino não era apto a desempenhar certos trabalhos. O corpo feminino tinha de ser amarrado a uma função de cuidadora, fosse no espaço doméstico com seu marido e filhos, fosse no magistério que também partia de uma concepção maternal.

A escola aos poucos se tornou um espaço efetivamente dedicado ao feminino, sob uma visão de escola também doméstica, onde as mulheres ocupavam os cargos do magistério, tanto pela crença de que o instinto materno natural à mulher seria uma prerrogativa interessante para a educação de crianças, como também porque as maiores opções econômicas oferecidas aos homens diminuíram em muito a sua escolha pelo magistério. Nessa reconfiguração da sociedade, as responsabilidades de guiar a infância e formas dos cidadãos do futuro passam a ser colocadas nas mãos das mulheres, mas não de quaisquer mulheres, somente daquelas que fossem moldadas para esse ofício.

O corpo das professoras se torna então uma preocupação social, logo que se espera a mãe-mulher-professora, que segue os ditames da moral e leva uma vida recatada. Em meio a esse cenário, entre as letras e a leitura, nasce uma professora primária. Portadora de uma sensibilidade singular, Anayde da Costa Beiriz surge à cena rasgando o véu dos bons costumes ao questionar o modelo normativo outrora criado para as mulheres. Sobre isso, Joffily (1983, p. 36) ainda afirma que “Anayde Beiriz, com o diploma de professora foi uma das primeiras a sair desacompanhada, a usar cabelos à *la garçonne* e abandonar saias que se arrastavam pelo chão – símbolos da subordinação feminina.”

A personalidade insubmissa de Anayde não aceitava as disciplinas de corpo e mente que a profissão que escolhera exigia. O modelo de professora produzido social e culturalmente esperava de Anayde um comportamento recatado, vestimentas formais, maquiagem sem extravagâncias e o andar sempre acompanhado por mulheres de bem que as distingue daquelas que eram consideradas “senhoras damas”. Ao contrário disso, Anayde não se privava de andar pelas ruas desacompanhada, de usar vestidos mais curtos, de usar batons de cor *rouge* e de manter o seu corte de cabelo à moda parisiense.

A imagem que Anayde construiu para si representava para as instituições não apenas desprezo pela disciplina escolar, mas também uma ameaça para a estabilidade da família, em um momento em que a Paraíba assistia ao desmoronar dos pilares conservadores. A chegada da modernidade provocou muita agitação na sociedade paraibana, pois na mesma medida em que

a chegada dos novos tempos representava para alguns a ampliação das liberdades, para outros significava a desmoralização de antigos costumes. É o que afirma Jones Oliveri, em *O jornal parahyba* de 1924:

O século XX é como um bizarro cartaz que anuncia os espectáculos escandalosos do futuro![...] o momento é de sonho e tudo passa...
Adeus emoção!... Adeus sensibilidades...
O século XX é o século embriagado. “A jazz-band” é a cocaína da música. A dança é a sensibilidade carnal em perspectiva. O amor hoje é um veneno de uso externo.
Como o creme, o “rouge” e o pó de arroz, ele não transpassa os limites da pelle... Não penetra; não impõe; não vae ao coração...⁴

Logo, nesse momento o envolvimento com o novo podia ser considerado perigoso, ao passo em que também representava uma abertura para a desestabilidade. É nessa perspectiva que as escolas procuravam manter um rígido modelo para aquelas que eram consideradas boas professoras, assim como o modelo de professor que não se encaixava no padrão normativo era desqualificado. Anayde, ao ser considerada uma porta de entrada para o novo, é arrancada do rol das boas professoras, não sendo aceita para lecionar na escola normal em que havia estudado, ainda que tivesse se diplomado como a primeira de sua classe.

Nesse sentido, podemos perceber que a sociedade paraibana materializou com intensidade o perigo que as professoras “disfuncionais” poderiam representar para a educação, e a importância de se manter um padrão estético e comportamental de referência. Enquanto aquelas, que como Anayde Beiriz, negligenciavam as convenções eram negadas no cenário educacional, tendo a sua a imagem marcada como transgressora.

3.2 ESCRITORAS E PROFESSORAS: O PERFIL FEMININO DA TRANSGRESSÃO

Ao pesquisar a história das lutas femininas, podemos perceber que há no corpo da mulher um traço definidor da sua identidade, a resistência. Ao tratar especificamente dos casos das professoras e das escritoras que viveram as primeiras décadas do século XX, evidencia-se as lutas pela conquista dos espaços públicos, especialmente no território da escrita. Como bem analisa a escritora Eudésia Vieira (1922, p. 4) sobre as mulheres que viveram a sua época:

Mal remunerada nos seus esforços, mal compreendida em suas aspirações, mal satisfeita nos seus affectos, [a mulher] foi perdendo aquella docilidade e timidez de character – sua divisa em outros tempos, e cansada de sofrer foi procurando se libertar do domínio do homem, a quem ambicionava não como senhor mas como amigo e companheiro, na posição primitiva que o bom Deus o collocara. E uma noite de lágrimas suffocadas teve como aurora uma cohesão de sentimentos revoltados que

⁴ O Jornal, Parahyba, 20 de julho de 1924.

recebeu o estratégico nome de – feminismo! Nos dias de hoje já não se pode aquilatar uma mulher pela outra. A maldade do homem fez com que se dividissem em classes diferentes: há notícia da mulher coquette bem representada pela melindrosa actual. Esta creatura merecedora do ridículo de gente séria, se assemelha ás bonecas que servem para destrahir as creanças. [...] Temos a sufragista. É sempre uma revoltada que procura abafar seus padecimentos querendo não ser a companheira do homem, mas rival ou mesmo sua antagonista. Merece também compaixão. Foi a infelicidade que a impeliu a extravagância de proceder, para dest'arte abafar um sofrimento latente. Há representantes do bello sexo que, sendo uma anthítese acabada das melindrosas, não declinam entretanto para o campo das feministas. Tem algo de varonil no seu character, na sua integridade moral. Cultivam a literatura, praticam a equitação, ocupam-se dos problemas sociaes, interessam-se pelo progresso das sciencias e das artes, discutem assumptos religiosos e políticos, sem olvidar os outros deveres inherentes ao seu sexo; [...] É a mulher independente, sempre alvejada pela maledicência dos invejosos. [...] o último é o da mulher adorável, o da mãe compenetrada, que, escrava ou senhora, sabe resistir as tempestades da vida a sorrir bondosamente, tornando-se um admirável exemplo de mulher de virtudes christans.

Vieira (1922), que foi uma historiadora normalista e uma das primeiras mulheres a publicar livros na Paraíba, pontua que naquele momento a mulher feminista se distingue dos demais tipos na medida em que adota uma postura exagerada, colocando-se não apenas como rival do homem, mas também como a antítese dele. Essas mulheres, que durante o século fugiam do padrão normativo, ao cultivar as letras e interessar-se pelas questões sociais, eram então alvos fáceis dos falatórios da sociedade, uma vez que eram atribuídos a elas um lugar oposto ao do feminino.

A essa ideia da mulher sufragista, como contrária a sua própria natureza, imprime a realidade em que Anayde, e muitas outras amantes das letras que dividiram uma época com ela, cresceu e desenvolveu as suas sensibilidades. A imagem que as constituíam Anayde e outras mulheres como ela frente à sociedade vinha comumente atrelada a uma sentença de anormalidade e inferioridade em relação ao masculino, logo essas mulheres tiveram de ter um espírito resistente para viver a desobediência, lutando pelo direito de trabalhar fora de casa, votar, escrever e serem ouvidas.

Tratando-se desse período na Paraíba, o território de liberdades que muitas mulheres professoras e escritoras, a exemplo de Anayde Beiriz, constroem para si, estremece o seio da sociedade, afinal sufrágio não combina com o feminino e a intelectualidade não é um espaço para as moças. Paulatinamente, o corpo dessas mulheres passa a representar uma ameaça, uma afronta social. Tão logo as mulheres não podiam falar de política, tampouco podiam escrever sobre ela, isso era coisa para homens. Em um estudo que fez sobre as estratégias utilizadas pela sociedade para o descrédito das lutas femininas, a historiadora Soihet (2003) afirma que o comportamento feminino reivindicador era visto como um perigo, uma ameaça aos interesses

masculinos que temiam a perda do seu predomínio nas relações de poder. Soihet (2003, p. 20) ainda acrescenta que:

As mulheres dotadas de forte inteligência se revelavam extremamente perigosas, constituindo as criminosas natas. Eram incapazes da abnegação, da paciência, do altruísmo que caracterizam a maternidade, função primordial das mulheres a que estaria subordinada toda a organização biológica e psicológica daquelas normais.

Os discursos médico e jurídico da época ainda são utilizados como base para justificar tais concepções. Desde finais do século XIX, o corpo da mulher se torna o centro das preocupações médicas, pois ela é o centro da ideia de família que precisa ser preservada, assim, é importante prescrever normas que evitassem as condutas desviantes, e que garantissem o ideal de domesticidade feminina. São construídos estereótipos para o corpo das mulheres que visam demarcar as fronteiras “entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam de fora dela.” (LOURO, 1999, p. 9).

Na seara de imagens que constroem o corpo das mulheres de família, aquelas que não se encaixam nos padrões de domesticidade são colocadas no território do estranho e do anormal, especialmente as que optaram por seguir pelas veredas das letras. É fato que a profissão de professora era comumente associada ao feminino, mas essa ligação vinha diretamente relacionada à expectativa de que a mulher professora era também a mulher maternal, do lar e da família, logo o modelo desviante da professora letrada era ainda mais perigoso. Ainda mais do que a mulher do lar, a mulher professora deveria obedecer aos padrões éticos e estéticos que o seu ofício lhe impunha, de acordo com Oliveira (2000). Ser uma professora de verdade seria responder cotidianamente a um modelo forjado pela sociedade em que era imprescindível vestir-se sobriamente, não exagerar na maquiagem e andar pela rua sempre acompanhada das mulheres de bem. Na esteira desses códigos sociais, a escola estaria lá vigiando os seus passos, controlando os seus impulsos e punindo as suas transgressões. Assim, é importante reforçar que os comportamentos desviantes eram alvos dos julgamentos que vinham não apenas da sociedade, mas das próprias colegas de trabalho que estavam inseridas na norma, sobre esses julgamentos Vidal (VIDAL *apud* BRUSCHINI, 1998, p. 295) ainda reforça:

Os padrões morais de julgamento dos comportamentos sociais das professoras pelas próprias colegas sinalizavam a identificação destas com os ideais das camadas médias, de onde provinham em sua maioria, distinguindo-as de outras mulheres trabalhadoras, como por exemplo, as operárias. As professoras da década de 30 viam-se como parte de um escol do trabalho

As professoras que viveram as primeiras décadas do século XX, em sua grande maioria, viam-se como uma elite no mundo do trabalho feminino, logo não era qualquer uma que estava apta para desempenhar essa função. Foi assim a figura da professora desviante, a figura de Anayde Beiriz é riscada do rol das boas professoras, afinal a sociedade não aceita, tampouco as colegas de profissão, aquelas que “ferem” os signos da farda escolar.

É interessante perceber que esse momento da história da Paraíba é marcado por um conflito de identidades e, em se tratando das mulheres que viveram essa época, existia um conflito entre aquelas que ocupavam os espaços da norma e aquelas que negavam os padrões, e sem dúvidas o privilégio permanecia para aquelas que seguiam os ideais conservadores que a elite social propagava. Anayde não foi a única de seu tempo a ser colocada às margens da sociedade respeitável, mas sua postura adversa a isolava das rodas femininas, ainda segundo Oliveira (2000), a jovem professora se viu por vezes sozinha e desconectada do espaço e das relações sociais locais, tendo em vista que, mesmo com a autonomia com que vivia, a dominação masculina ainda era o motor da história (Oliveira, 2000). Assim, a mulher continuava presa a um estereótipo de inferioridade intelectual em favor do homem.

Parece-me que as marcas de desobediência e extravagância inscritas no corpo dessas professoras e escritoras, que em alguma medida procuravam ocupar os espaços até então destinados ao masculino, acabavam as situando fora das possibilidades da vida social, tanto no âmbito profissional quanto amoroso. Os corpos marcados acabavam sendo sentenciados a uma vida solitária, sem a possibilidade de construir uma rede de relações socialmente reconhecidas. Nesse sentido, a “mulher independente” que ousava experimentar uma diferença rebelde, tinha de lidar não apenas com as críticas e as maledicências da elite conservadora, mas também com a marginalização e o exílio social.

Logo, enquanto para as colegas de profissão de Anayde Beiriz, o magistério era concebido como uma extensão do papel tradicional da mulher, para Anayde, o magistério era a possibilidade de fazer uso das letras para reivindicar igualdade, liberdade e uma formação intelectual de qualidade para as mulheres. A escrita de Anayde era projetada a partir da sua própria subjetividade, e trazia consigo uma série de temáticas consideradas marginais naquele momento.

Na sua obra, Joffily (1983) recorda-se de um comentário que ouviu sobre o comportamento da professora quando uma “dondoca” disse “Eu não teria filha para ser aluna de certas professorinhas...”, a qual Anayde respondeu prontamente “Não tem filha. E se tivesse, seria com certeza de pai desconhecido.” (JOFFILY, 1983, p. 31). Mesmo com a altivez da

resposta de Anayde, não podemos deixar de observar nesse comentário a condenação àquelas professoras que não se enquadravam no padrão da ordem moral.

Em um trabalho sobre os estigmas em torno do celibato feminino, a historiadora Maia (2007) discorre sobre as professoras normalistas, atestando que desde finais do século XIX o exercício do magistério passa a ser encarado não apenas como uma profissão que visava algum tipo de realização pessoal, mas como uma vocação a cuidar de outras vidas, logo, “ao se formarem, as professoras dedicavam-se integralmente às suas alunas e alunos, pouco preocupadas com o salário, exercendo sua ‘missão’ por vocação, graças a sua natureza maternal.” (DIVA. 2002, p. 299 *apud* MAIA, 2007, p. 2007) Portanto, a formação das professoras visava garantir também a formação de boas mães e, por consequência, de boas esposas. É por isso que as professoras normalistas que não colocavam o casamento e os filhos em suas aspirações e prioridades para o futuro acabavam sendo vistas com maus olhos, afinal, o curso não objetivava apenas uma profissionalização.

Entretanto, segundo Pinheiro (2008), mesmo que a formação de Anayde Beiriz, assim como as demais professoras que vivenciaram os anos 1920 com ela, tivesse a predominância de disciplinas domésticas. Nos anos de sua formação a pedagogia das escolas normalistas vivia também um momento transitório, ainda eram dirigidas pedagogicamente por padres-mestres e vinculadas a ideais moralistas. No entanto, já sofria influências da didática dos progressistas mestres do colégio Lyceu, situado no Rio de Janeiro, como também de uma disciplina chamada Ciência – fonte da educação. Pinheiro (2008) ainda acrescenta que esse momento de efervescência literário-político na província paraibana também popularizou alguns escritores paraibanos, a exemplo de José Américo de Almeida e Augusto dos Anjos dos quais Anayde soube aproveitar as influências.

Além dos escritores que inauguraram a literatura modernista, a literatura pré-modernista de Lima Barreto também exerceu influências sobre Anayde, podemos perceber isso na epígrafe do livro de Joffily (1983, p. 7) quando há menção a uma citação de Lima Barreto no diário da professora: “Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses fariseus por aí, vinham de angustiosos recalques dos ímpetos de minha alma e da obrigação em que estava, de dizer pela metade, aquilo que eu poderia dizer totalmente.”

E como bem se sabe, um dos traços definidores da literatura de Lima Barreto era a rebeldia, na medida em que a sua escrita se preocupava em levantar questões sociais. É de certo que podemos perceber que em sua formação a poetisa traz referências de uma literatura moderna e emancipada. Logo, é nessa esteira de crenças desviantes que muitas outras professoras coexistiram junto a Anayde Beiriz e buscaram escancarar essa nova subjetividade

para romper com os grilhões do conservadorismo. Dessa forma, a professora escritora bem posicionada frente às questões sociais se destaca como o encarno desse episódio de transição que marcou os primeiros anos do século XX na Paraíba, ao imprimir em seus corpos a hermenêutica dos tempos modernos. Podemos colocar que essas mulheres foram a oposição aquela história tradicional, fizeram de si a contra-história.

4 A FACE REVELADA

Na multiplicidade de imagens que projetaram Anayde Beiriz, as marcas deixadas pela sociedade em seu corpo e em sua memória nos possibilitam entender o que foi a Paraíba do século XX para as mulheres que imprimiam em si os traços da desobediência, especialmente se fossem essas mulheres professoras. Em meio a essas marcas, chamam-se a atenção duas forças que me parecem engendrar a trajetória dessas mulheres, uma delas o feminismo, a outra, a educação.

É nesse sentido que buscamos pensar Anayde Beiriz, marcada pelos signos dessas duas expressões, na medida em que para muitos foi considerada um nome marcante na história das lutas feministas da Paraíba, enquanto para outros tantos uma fenda na educação tradicional normalista. Como outrora colocado, a única certeza que temos é a da impossibilidade de se compreender completamente quem foi Anayde Beiriz. No entanto, podemos colocar que, sem dúvidas, ela transpôs as barreiras de seu tempo ao falar de liberdade feminina, ao lutar pelos direitos das mulheres e ao ocupar um lugar de evidência na educação e na literatura Paraibana.

Identificamos na face peregrina de Anayde o substantivo que aparece como marca maior da sua existência, a liberdade. Logo, descortinar os seus escritos nos possibilitará compreender a maneira que Anayde idealizou e vivenciou essa liberdade. Reconhecemos, então, as falas de Anayde Beiriz como um eco das vozes de tantas outras mulheres que dividiram uma época com ela, a expressão da luta dos movimentos sociais e das conquistas individuais que marcaram esse período de transição da história paraibana. É de certo, então, que analisar suas produções nos permitirá também evidenciar as questões de gênero e as manifestações de marginalidade e exclusão sociais e sexistas que as mulheres vivenciaram, mas principalmente teremos a oportunidade de testemunhar as estratégias de resistência que conduziram o campo da história das mulheres corajosas.

4.1 VIVEU PARA SI? A VOZ DE ANAYDE BEIRIZ

*Anayde Beiriz, o tempo é cego
Por entre os seus escuros labirintos,
Mas não desfez o itinerário certo
Da verdade sepultada sob os mitos
Da História. O teu martírio infante
Viverá sempre como os sonhos vivem –
Entretecidos de fatalidades
No sudário sem cor da morte livre. [...]
Anayde Beiriz, a mão do tempo
Refez tua face peregrina.*

*Não dormes mais no esquecimento.
Vives no sempre, fábula menina.*

(BRITO, 1983 *apud* ARANHA, 2005, p. 37)

Entre as dedicatórias para Anayde presentes na obra de Aranha (2005), lê-se “Pavana para Anayde Beiriz”, de autoria de Brito (1983), na qual o poeta sublinha que ainda que o tempo seja cego, ele é incapaz de apagar do curso da história aqueles que viveram como heróis. De maneira que merece Anayde Beiriz ser lembrada, entrelaçada àquilo que foi a matéria dos seus sonhos e a força motriz da sua trajetória: a liberdade.

A liberdade vivida por Anayde não tem nome, ainda que tendemos a chamá-la de feminista, ou libertária, a própria poetisa nunca se colocou nesse lugar. Bem como é colocado por Jofilly (1983), as suas vertentes pessoais emanavam de sua sensibilidade singular, a sua luta era puramente cultural e solitária. A história da vida de Anayde Beiriz foi lembrada de várias maneiras, dependendo do contexto, essas lembranças tinham a força de nomeá-la como uma mulher sem moral e sem valores. Porém, também foi enaltecida e redimida a partir de vários trabalhos já citados nessa pesquisa. Assim, permito-me, então, marcar, descortinar e reunir os escritos de Anayde Beiriz em uma perspectiva de produzir uma cartografia dos seus ideais, delineada pelas marcas do feminismo, da liberdade e até mesmo dos caminhos da sua própria subjetividade. Logo, pretendemos recompor, ante o furor das suas próprias palavras, a vida e a literatura dessa intelectual, poetisa e ensaísta que tanto contribuiu para a presença das mulheres na imprensa da Paraíba.

De acordo com as palavras de Sales (2005), quando Anayde ainda estudava na escola de D. Maria Amélia Avelar, já fazia, em seus escritos, referências a Nísia Floresta, uma educadora que viveu um século antes de Anayde, e que já falava em feminismo, educação e liberdade. Anayde também era leitora das escritoras francesas, a exemplo de Emma Goldman, o que acaba nos falando muito a respeito das suas influências intelectuais e muito provavelmente de onde vem as suas ideias sobre liberdade feminina

Nas obras de Emma Goldman (1869-1940), a defesa da emancipação feminina aparece de maneira recorrente. Segundo a historiadora Conceição (2020), Goldman reflete as desigualdades criadas a partir dos sexos, na medida em que aos homens tudo era permitido, enquanto às mulheres era negada qualquer forma de desenvolvimento intelectual ou até mesmo de pensamento crítico acerca da realidade em que estavam inseridas. Logo, o aprisionamento em que as mulheres viviam lhes tiravam qualquer possibilidade de romper com os ciclos de dominação em que elas viviam.

É nessa perspectiva que Goldman via o casamento como uma dessas prisões, logo que se nutria a ideia de que o casamento deveria ser a razão e o sentido de vida das mulheres. Isso se propagava a partir do que a autora chama de "fábulas matrimoniais" que respaldava o casamento feliz como aquele que dura até que a morte separe. Nessa perspectiva, e possivelmente sob essas influências, em um dos seus poemas Anayde Beiriz tece uma crítica aos arranjos matrimoniais da época, logo que eles eram colocados como a via única da existência feminina. A autora escreve:

*Nasci
 Nasceu
 Cresceu
 Namorou
 Noivou
 Casou
 Noite nupcial
 As telhas viram tudo
 Se as moças fossem telhas não se casariam...*
 (BERIZ *apud* JOFFILY, 1983 p. 12).

Nesse poema, utilizando da casa com o espaço da consumação do casamento, a poetisa crítica a imposição do matrimônio às mulheres, especialmente quando pouco se podia falar sobre como ele acontecia entre as quatro paredes, logo, se as mulheres pudessem saber, elas não aceitariam se casar. Isso porque os papéis das mulheres dentro do casamento não incluíam uma vivência erótica, tampouco respeitavam o prazer feminino.

Durante a construção de sua tese *Tecendo fios de liberdade: Escritoras e professoras da Paraíba do começo do século XX*, Sales (2005) pontua que, em uma pesquisa realizada nos arquivos pessoais de Anayde Beiriz, encontrou em seu diário um trecho rabiscado do poema *Navio Negroiro*, de Castro Alves:

*Era um sonho dantesco... O tombadilho.
 Quedas luzemas avermelha o brilho,
 Em sangue a se banhar,
 Tinir de Ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite
 Horrendos a dançar...*

*Negras mulheres suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o nome das mães
 Outras, moças...mas nuas, espantadas
 No turbilhão de espectros arrastadas
 Em ânsia e mágoas vãs.*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da ronda fantástica e serpente*

*Faz doidas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala*

*Preso nos elos de uma só cadeia
A multidão faminta cambaleia
E chora e dança ali...
Um de raiva delira, outro enlouquece
Outro que de martírios embrutece,
Cantando geme e ri...*

*No entanto o capitão manda a manobra...
E após, fitando o céu que se desdobra
tão puro sobre o mar,
Diz, do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar”*

O poema de Castro Alves foi escrito em 1868, com seis cantos que buscam narrar a trajetória de uma embarcação que transportava escravos à medida que tece uma crítica à violência com que são tratados, e à privação de direitos e liberdades. A crítica social presente nessa sessão do poema nos fala muito acerca da literatura insurgente que Anayde consumia. Outrora também podemos perceber que as primeiras sessões desse poema de Castro Alves concentram-se no cenário em que se passam, especialmente ao falar sobre o céu e o mar que, em movimentos de agitações, muitas vezes se confundem. O autor destaca “dois infinitos ali se estreitam num abraço insano” ainda questiona “qual dos dous é o céu? qual o oceano?”, enaltecendo a paisagem ele declama “bem feliz quem ali nest’hora, sentir deste painel a magestade [...] Oh! Que doce harmonia traz-me a brisa! Que música suave ao longe soa!”. Em certa medida, esse canto do poema me remete a um dos poemas escritos por Anayde, em que ela intitulou de “Lembrando as ondulações do mar”, no qual a tônica do mar também é colocada como foco:

As ondas vinham beijar desenvoltadamente a areia e, ao envolverem meus pés, senti-me tomada de estranha sensação, como se me houvesse identificado com a natureza marinha. A noite caía silenciosa [...] Uma jangadinha, velas soltas ao vento, a subir e a descer, singrava o mar, dando adeus a terra. Tal partida repercutia em minha alma como se o seu adeus fosse o nunca eterno e fúnebre dos cemitérios. Por fim o manto da noite envolveu toda a terra; as gaivotas emudeceram... e o mar, eternamente revolto continuou a gemer, a gemer. Regressei.

Nesse texto, citado na obra de Joffily (1983, p.12), além da contemplação da natureza marítima, podemos identificar um trecho em que a poetisa evoca a grandeza de Deus diante da humanidade, quando ela questiona "Embebendo o meu espírito a embalsamar toda terra, pensei: por que o indivíduo é tão pequeno diante das maravilhas de Deus?", questão que nos permite

compreender um outro ponto acerca das suas crenças, uma vez que ela demonstra sua sensibilidade, não apenas sobre a natureza, mas também perante o divino.

À vista disso, podemos sugerir que entre a escrita e os saraus literários que a poetisa frequentava, certamente a leitura e a declamação das obras desses intelectuais influenciaram a sua formação social, na medida em que a sua literatura dialoga com as temáticas engajadas presentes nas obras dos escritores supracitados.

Para além dessas influências, Anayde também gostava de ler jornais e revistas, especialmente as páginas que traziam as pautas de política, um hábito mau visto para a sociedade em que a professora vivia, pois esse tipo de leitura era considerada masculina demais. E ainda assim, Anayde não se conteve em apenas fazer parte do público, e se tornou colaboradora de alguns periódicos importantes na Paraíba do Norte e em Recife, como foi o caso da *Revista Ilustração*, *Revista da Cidade – Recife*, e a *Revista Era nova*, periódicos que eram reconhecidos pela sua literatura modernista e inspirados no movimento literário idealista que surgiu junto a realização da Semana da Arte Moderna, em 1922, na cidade de São Paulo - SP.

A poetisa ainda participou de um grupo de intelectuais chamado “Novos”, que foi considerado o expoente desses ideais vanguardistas na Paraíba do Norte durante a década de 1920. Desse grupo participavam intelectuais como Perylo D’Oliveira, Orris Barbosa, Eudes Barros, Samuel Duarte, Raul de Góes, entre outros. De acordo com Joffily (1983) a atuação desse grupo se dava, especialmente, através da realização de saraus lítero-dançantes, nos quais apreciavam músicas e declamavam poesias. Ademais, em uma de suas crônicas publicada em 1925 o escritor Amarylio de Albuquerque chega a destacar a participação de Anayde Beiriz como declamadora de poemas futuristas, que Joffily (1983) confirma terem causado muitos burburinhos do soçaito falsamente burguês provinciano.

Joffily (1983) chega a lembrar que naquela década, mais precisamente junto a Semana da Arte Moderna, Gika Machado havia lançado o seu livro “Mulher Nua”, uma obra que provocou fervorosas críticas por parte dos moralistas à obra por causa da temática da sensualidade e do prazer feminino. Enquanto nos serões que frequentava Anayde recitava o poema “Volúpia do Vento”, de sua autoria:

Oh meu prazer!
Sentir-te, penetrar-te
Em toda hora, em toda parte
Gozar teu ser
Ser por ti absorvida,
Encher com minha vida tua vida.
(BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1983)

Ainda que nas produções das duas escritoras, que trazem uma lírica similar, não tivessem nada de obsceno, a temática e o jogo de palavras acaba as inserindo no território do imoral, segundo o conservadorismo da época. Ainda assim, Anayde ousa ao captar a mudança de mentalidades e os novos padrões de comportamento anunciados pelo século XX. É até interessante perceber que no poema supracitado as palavras utilizadas nos levam a perceber uma posição de igual entre os sexos, uma vez que o eu lírico (feminino) se utiliza do verbo penetrar desejando “encher com minha vida tua vida”, na mesma medida em que anseia “ser por ti absorvida”.

Mesmo em uma sociedade que não recebia bem mulheres escrevendo e declamando sobre temas considerados desviantes, Anayde não parecia se intimidar quando, por vezes, publicava seus poemas e crônicas em periódicos que circulavam na imprensa da Parahyba do Norte e do Recife. O conto "O amor perdoa..." foi o seu primeiro texto publicado, na edição de número 125 publicada, em 13 de outubro de 1928, terceiro ano de circulação da Revista da Cidade, que naquele momento anunciava a chegada a Recife da “senhorinha Anayde Beiriz”, publicizando sua crônica:

Tinha uma boneca que sorria sem alegria e uns olhos que choravam sem lágrimas...
 Loira como uma partícula do sol.
 Chamava-se: – um nome pequenino como ela mesma – Nelly;
 Viera de longe, lá das terras das montanhas geladas, dos lagos cristalizados, dos países nevoentos onde não há claridade de sol...
 Tinha, por isto, a cor da neve que vestia o cume das montanhas da sua terra.
 Conheci-a, de lá. Apresentou m'a o amante, o romancista Jean Martin, por quem a sabia apaixonada.
 – Encheu a vida de encantamento e o coração de amor –
 Disse-me ele, alegre, um sorriso comovido no rosto simpático.
 Foi isto há dois anos, quase. De então, não mais ouviu falar nela
 Daí a minha surpresa encontrar-lhe errando na multidão cosmopolita que enchia o salão do hotel, tristeza azul do olhar e a rósea doçura do sorriso...
 – Já não sabe quem sou, juro-o...
 Estendeu-me a mão, longa e branca, que a gota de sangue de um rubi manchava –
 Juraria falso, acredite.
 Apertei-lhe os dedos fuselados, de unhas polidas, dizendo-lhe da minha alegria –
 mesclada à curiosidade – de avistá-la ali.
 Sorriu, apontando-me convidativa, um lugar perto de si.
 Teve uma frase banal:
 – contingências da sorte, minha amiga.
 Conversamos, frivolamente, longamente.
 – Jean?
 Recolheu o sorriso, e numa emoção inconsciente:
 – Em Nice. Escreve um romance e ama uma nova mulher.
 A ninguém que, involuntariamente, lhe escorria da voz, refreou-me a pergunta indiscreta.
 Compreendeu-o. Calou-se também, escondendo nessa mudez a resignada amargura da sua saudade, a revolta inútil do seu desespero.
 Logo, continuou... A voz parecia ter freio:
 – Há três meses. Deixou-me por uma atriz, uma bailarina espanhola que o enganara e por quem, dizem, está enlouquecido de paixão.

Talvez seja por isso que ele a ame tanto.
 Eu nunca lhe fui infiel; era-lhe estupidamente sincera e isso, por certo, o aborrecia.
 Os homens, parece, têm a volúpia de serem ou de se serem enganados. A
 imutabilidade do sentimento da mulher amada enfara-os. Só o amor que apresente
 traição pode viver, porque o ciúme não o deixa morrer.
 Mas eu não sabia ainda isto, não podia saber... E só agora, que é tarde, aprendi...
 Silenciou, outra vez, olhou lá fora.
 No céu muito azul, varrido de estrelas, apenas o recorte luminoso do crescente.
 No jardim, as flores dormiam, ressonando perfumes. As rosas eram chagas
 sangrentas, abertas no corpo verde das roseiras...
 O lago, com frio, enrola-se no lençol do luar.
 Do salão, chegavam-nos uma surdina de vozes e o choro do violino que se
 desmanchavam em lágrimas de sons.
 Como desmoronasse calada, insinuei consolando:
 – Mas isso não durará, talvez, longo tempo.
 A paixão morre breve, quando não se torna amor.
 E, sinceramente, não creio que ele ame essa mulher.
 A saciedade de uma trará depressa a saudade da outra... Quando o souberes sozinho,
 Nelly, vai ter com ele...
 Na paisagem triste do olhar, o sol verde brilhou, mas no sorriso nevavam ainda
 desenganos.
 Replicou:
 – Mesmo que fosse como dizes, eu não seguiria o teu conselho... Seria isso a
 confissão de que não o esqueci, no abandono. Não. Ele não haverá nunca de saber
 que eu sofri, nem de dizer que eu o incitei a essa volta ao passado...
 – Mas então é que não o amas; não o amaste nunca. Não amou nunca, quem não
 perdoa muitas vezes. E recusas perdoar, apenas uma vez...
 Calcou a gota sanguínea do rubi: olhar novamente, lá fora, agora com um olhar mais
 demorado...
 E concluiu, baixo, a voz menos triste, mais doce:
 – Iria. Perdoaria... se ele me pedisse que o perdoasse...
 (BERIZ, Anayde. REVISTA DA CIDADE, 1928, ed. 125).

Nas linhas do conto escrito por ela, podemos perceber traços da sua lírica insubmissa, na medida em que a escrita retrata uma desventura amorosa vivida pela personagem Nelly, uma mulher que vivia um caso extraconjugal com Jean Martin. A trama da crônica gira em volta do relacionamento amoroso nutrido entre Nelly e seu amante, e a desilusão sofrida pela personagem quando o seu amado a deixa para relacionar-se com outra mulher, ao qual ela alega tê-lo deixado enlouquecido de paixão apenas por tê-lo enganado.

Em um outro fragmento da poesia, intitulado de “Na trama do destino”, um texto de Anayde que, segundo Jofilly (1983), sequer chegou a ser publicado, somos apresentados a personagem Wanda, uma jovem que, assim como Nelly, acabara de vivenciar uma desventura amorosa, ao ser abandonada pelo seu amado Túlio. É nesse momento que Wanda recolhe-se para recordar-se do relacionamento amoroso, construindo para o romance uma atmosfera sensual e intimista, momento em que não faltam ornamentos para ambientar o leitor ao espaço e às sensações vivenciadas pela personagem: “Que frêmito lhe percorria o corpo, só em pensar na viagem que os levou a Nápoles, onde fluíram momentos de gozo intenso e de volúpias

indescritíveis.” Por fim, Wanda opta pelo suicídio, um final trágico, mas que para Anayde é o único caminho a percorrer após o amor.

Acaba sendo pertinente colocar que, no ano de publicização do seu primeiro conto, Anayde conheceu o advogado João Dantas, com quem passou a nutrir um relacionamento amoroso, que acabou, para ela, de maneira muito similar ao final de sua personagem Wanda. Sobre isso, Joffily (1983) chega a defendê-la: “nota-se que Anayde jamais tinha demonstrado vocação suicida. Amava a vida na plenitude dos seus 25 anos. Livrou-se da vida não por amor à morte e sim porque não havia outro jeito.” (JOFFILY, 1983, p. 46).

Ainda assim, Hollanda (1983) pontua que a escrita de Anayde é um desenho dos momentos em que a vida e a obra se confundem. Em seus textos, as suas personagens são sempre impulsionadas pelo sentimento maior, que seria o amor. E a elas não faltam a intensidade de viver cada momento e tampouco renunciar à própria existência em nome sempre do encantado e decantado amor.

No entanto, o que podemos colocar é que após o assassinato do seu amado Anayde optou por despedir-se, fosse em virtude disso ou de não mais aceitar viver sob os ditames da sociedade que os condenara, decidindo então pelo esquecimento, sobre o qual ela escreve, “Talvez um dia você ouça falar em mim; seja qual for o caminho que eu seguir você fique certo de que é em busca do esquecimento: seja o vício, seja o da morte...” (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 167).

Em sua escrita, podemos apreender como ela elabora e enxerga o amor, especialmente quando em suas últimas linhas traz a resolução de que apenas ama quem já foi capaz de perdoar um desengano. Podemos perceber as ressonâncias desses ideais de maneira ainda mais marcante nas missivas trocadas entre Anayde e Heriberto Paiva, quando por vezes a poetisa manifesta os seus ideais de um amor que é benevolência, renúncia e sacrifício. Em uma de suas falas, Anayde afirma para Heri que:

Há em todas nós [mulheres] o mesmo instinto, a mesma animalidade primitiva... [...]. Não amamos num homem apenas a plástica ou o espírito: amamos o todo. Sim, meu Heri, nós mulheres não temos meio termo no amor; não amamos as linhas, formas, o espírito ou essa coisa de indefinível que arrasta vocês, homens, para um ente cuja posse é para vocês um sonho ou raia às lides do impossível. Não, meu Hery, não é assim que as mulheres amam. Amam na plenitude do ser e nesse sentimento concentram, por vezes, todas as forças da sua individualidade física ou moral. (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p.143).

A crença nesse amor resignado que enfrenta todos os desafios também conduz a vida pessoal e profissional de Anayde. Quando em algumas passagens a poetisa revela sua

participação no grupo dos “Novos”, Heriberto se mostra incomodado com a possibilidade de ser esquecido por causa das atividades de Anayde com o grupo. Em virtude disso, ela opta por deixar o grupo, como uma prova da seriedade do seu comprometimento com a relação, e se defende pontuando que não existe nada comparado ao seu afeto:

Perguntas-me se prefiro a amizade dos Novos ao teu amor? Estás louco, meu Hery? Acaso, existe para mim, alguma coisa comparada ao teu afeto? De certo que não. Para provar-te que acima de tudo, coloco e colocarei o teu amor e para que entre mim e ti não exista nunca uma sombra ou dúvida por pequena que seja, eu abandonei os Novos; no próprio dia em que recebi tua carta, despedi-me deles sem pesar e sem saudades. Relutaram, pediram-me que desistisse do meu propósito, mas mantive-me inabalável (BEIRIZ, *apud* ARANHA, 2005, p. 59-60).

A estética do amor para Anayde Beiriz parece-nos muito próxima aos valores conservadores que até então eram cultuados pela sociedade. Citando Sartre, Abrantes (2008) coloca que o que faz o ser escravizar-se num amor contemplativo limitando sua própria liberdade é o ideal da aventura amorosa, da abnegada liberdade alienada, nesse sentido as relações não escapariam da lógica da posse e da sujeição. Em seus escritos, Anayde se mostra sempre calorosa quando fala do amor, nutrindo a convicção de que o amor pleno e verdadeiro tem de ser aquele que entorpece a razão.

Ainda assim, a poetisa não deixa de revelar a sua intrepidez. Ao mesmo tempo em que Anayde nutre esse tipo de sentimento, ela também espera dele a mesma paixão e impetuosidade de que sua carne é feita. Em seus textos, assim como nas epístolas escritas para Heriberto, Anayde evidencia o seu gosto pelas paixões avassaladoras, pelos amores ardentes, os que fogem até mesmo da compreensão, destacando que é dessa maneira que é vista, ao escrever que “crêem elles que sou trágica, que gosto desse amor que queima, dessa paixão que devora, dessa febre amorosa que mata...” (BEIRIZ *apud* ARANHA, 2005, p. 116).

É nesse sentido que consideramos válido colocar que no fluxo das relações amorosas, as personagens de Anayde vivenciam o amor da maneira que ela o viveu. Pois como coloca Joffily (1983) as heroínas das histórias escritas pela poetisa, a exemplo de Nelly e de Wanda, não foram mulheres tímidas, mas sim amantes audaciosas e dispostas a tudo pelo amor devotado. E por coincidência ou não, o final dela e de suas personagens foi igualmente dramático.

Na medida em que trabalha seus textos românticos, a poetisa também usa da literatura para dar voz aos seus princípios. Para Anayde, o principal objetivo da escrita é construir o mundo no qual deseja viver. Diante daquela sociedade sexista e preconceituosa, Anayde buscava romper, através das suas linhas, os grilhões do conservadorismo, ao reivindicar a

participação feminina na política, ao abordar a sua mestiçagem e questionar os papéis relegados ao feminino na sociedade. Ao falar acerca do racismo e das desigualdades entre as classes, a poetisa escreve:

Eu possuo essa impetuosidade despreocupada e desinteressada essa raça mestiça de que descende a minha família paterna, também possuo, num grau tão alto como ninguém talvez possui, a altivez e o orgulho dessa raça de sertanejos a quem pertence minha mãe. (BEIRIZ in ARANHA, 2005, p.96)

Eu escrevo para criar um mundo no qual possa viver. Procuo criar um mundo como se cria um determinado clima, uma atmosfera onde eu pudesse respirar. Devemos conquistar a nossa força e edificar os nossos valores com base no desenvolvimento pessoal e na descoberta de nós mesmos. Contra as desigualdades, as injustiças [...]. (BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1983).

A escrita de Anayde também não foge à luta pelo sufrágio feminino, a professora a usa para defender o direito das mulheres em participar da vida pública em um período que esse era um privilégio apenas do masculino. A poetisa nunca deixou de reivindicar a maioria feminina na política, na mesma medida em que engendrava a imagem da mulher consciente, que possui ideais políticos próprios e defende as suas posturas, em suas palavras: “Elevemos a mulher ao eleitorado, é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada, em vez de conservarmos nesta injusta minoridade, convidêmo-la a colaborar com o homem na oficina da política. Que perigo pode vir daí?” (BEIRIZ *apud* JOFFILY, 1983, p. 43)

Não nos cabe colocar se foi ou não uma feminista, uma militante ou uma revolucionária. Contentamo-nos apenas com a possibilidade de revelar que Anayde Beiriz foi uma mulher apaixonada pela liberdade, fosse ela social ou afetiva. Se em sua escrita Anayde representa o lugar do desvio e da rebeldia para as moças de sua época, ela também representa a resistência e a tenacidade dessas mulheres, especialmente as que se tornaram professoras.

Mesmo tendo desejado para si o esquecimento, a alma de Anayde Beiriz nunca o pertenceu. Hoje ainda podemos ver na cidade em que nasceu as homenagens que existem em seu nome, ruas, escolas, conjuntos habitacionais, praças e prêmios. Parafraseando Lau Siqueira em suas passagens na obra de Aranha (2005), é válido colocar que a história da Paraíba dos anos 1920 permanecerá sempre sob o espectro de Anayde Beiriz, e a Parahyba do Norte, hoje chamada de João Pessoa, estará sempre impregnada da sua sensibilidade, não mais através dos olhares maldosos lançados aos seus cabelos cortados *à la garçonnette*, mas nas vozes que declamam seus poemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa historiográfica é sempre feita em um diálogo com as incertezas, seja no momento de escolha do nosso objeto e nos direcionamentos que pretendemos seguir, ou no ponto em que somos confrontados com as fontes, a única certeza que temos é a da impossibilidade de se apreender uma verdade absoluta. É nesse sentido que ao descortinar a história de Anayde Beiriz, não a fazemos sobre a pretensão de se construir uma verdade sobre ela, tão pouco de projetá-la através de um personagem, mas na perspectiva de traçar uma cartografia das suas ideias e práticas, em consonância com o momento político e social em que ela viveu.

Bem sabemos que os primeiros anos do século XX representam um período de mudança nas mentalidades, anunciado pela modernidade. Esse momento acaba por conferir uma maior visibilidade para as questões ligadas ao social, e, em se tratando das lutas femininas, os papéis até então conferidos às mulheres se tornam centro dessas discussões. É na criação desse campo de visibilidade que algumas mulheres, professoras e escritoras se destacam através das táticas e ferramentas de resistência na sua luta pela educação e pelos direitos femininos.

Na esteira desses nomes, reconhecemos na figura de Anayde Beiriz a possibilidade de compreender essas práticas e as suas contribuições para a história das mulheres e da educação. Acentuando a ideia de não cristalizá-la em rótulos, mas compreendendo a importância de perceber os lugares de oposição às tradições de sua época que Anayde demarcou para si. Ainda que em sua vida breve ela tenha conseguido estabelecer uma fissura que ganhou ainda mais intensidade a partir das narrativas discursivas e não discursivas, que um século após a sua morte, objetivaram justificá-la perante a História da Paraíba.

A face peregrina, atribuída à Anayde por Brito (1983), e que inspirou o título deste trabalho, deu-se pela sua luta cultural, partindo da conformação de que Anayde, em sua prática e sua escrita, foi uma mulher transitória que fez das suas palavras uma peregrinação ininterrupta pela liberdade e justiça social.

Foi nesse sentido que buscamos construir esta pesquisa em três momentos. Inicialmente apresentando não apenas o nosso objeto, mas também a rede discursiva já existente sobre ele. Tendo em vista que existe uma vasta produção acerca de Anayde, optamos por enfatizar aquelas que são consideradas as principais obras sobre ela, especialmente em se tratando da construção de uma corporeidade para a professora. As obras de Joffily (1983) e Aranha (2005) acompanhadas da produção fílmica de Tizuka Yamazaki (1983) são marcos na construção de

uma cartografia sobre a vida de Anayde Beiriz, posto que foram estas as responsáveis por quebrar o silêncio no qual a sua história esteve por mais de meio século.

Em seguida, consideramos que para pensar os aspectos de sua vida pessoal e profissional, pensar o lugar social de Anayde se constituiu uma tarefa imprescindível, trazendo como ponto principal o momento de transitoriedade que esta intelectual viveu. Este foi sem dúvidas o momento mais sensível da pesquisa, porque pensar o cotidiano e as batalhas diárias travadas por aquelas que vieram antes de mim, especialmente aquelas que contribuíram de maneira tão significativa para o ofício que hoje pretendo seguir, evocou um misto de sentimentos diferentes, dentre os quais destaco a minha profunda admiração.

Foram as escolhas individuais dessas mulheres que simbolizaram um legado de resistências e luta pela liberdade do ser e do sentir. As mulheres do passado, como professoras e escritoras, sinalizaram e articularam a sua sensibilidade crítica de maneira que evidenciaram a incoerência em estabelecer papéis e qualidades exclusivas ao feminino ou ao masculino na medida em que suas subjetividades não deveriam ser relegadas a estereótipos. Foi nessa perspectiva que a paraibana Anayde Beiriz se fez sujeito desta pesquisa, ao fazer das suas letras a possibilidade de redesenhar sua história e construir o mundo no qual desejasse viver.

Portanto, o objetivo do estudo foi produzir uma leitura acerca das produções de Anayde Beiriz a fim de apreender características da sua subjetividade e visões de mundo, na medida em que também nos são revelados os aspectos de sua época, como costumes, modos de pensamento e vivências da sociedade. Logo, entendemos que a história individual de Anayde nos permite perceber as contribuições políticas e sociais dessas mulheres que escolheram alargar as margens da liberdade feminina ao assumirem posturas ativas em relação a suas próprias existências.

Nessa direção, torna-se importante colocar que este é apenas um dos muitos trabalhos existentes sobre Anayde da Costa Beiriz, umas das muitas formas de enxergá-la e lê-la. E mesmo em meio a vasta produção que se tem sobre ela, sempre haverá novos caminhos a serem descobertos e percorridos, uma vez que os seus escritos permanecem nos convidando a sonhar e escrever sobre o mundo em que queremos viver.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aline Manoela da Silva. SILVA, Shirley Targino. **Vestígios de educação nos escritos de Analice Caldas de Barro (1891-1945)**. João Pessoa: UFPB, 2014.

ANDRADE, Aline Ferreira de. **O amor e as relações de gênero nas cartas de Anayde Beiriz e Heriberto Paiva (Paraíba, 1924 a 1926)**. Guarabira, 2017.

ARANHA, Marcus. **Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes**. João Pessoa: Editora UNESP, 2005.

BARBOSA, Marcilene Pereira. A Escrita de si de Anayde Beiriz: táticas de resistência, contornos de liberdade. *In: Anais do Simpósio Fazendo Gênero*. 9 ago. 2010. Disponível em:

http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278252804_ARQUIVO_AescritadesideAnaydeBeiriz-Textocompleto.pdf. Acesso em: 17 mar. 2022.

BERNARDO, Ana Maria Coutinho. **Gênero, História e Educação na Paraíba**: memórias de professoras e escritoras no início do século XX. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

BEZERRA, Dinarte Varela. **1930, a Paraíba e o inconsciente político da revolução**: a narrativa como ato socialmente simbólico. Tese (doutorado) - UFRN/CCHLA, 2008.

BRUSCHINI, Cristina. **Horizontes plurais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **A adúltera no território da infidelidade**: Paraíba das décadas de 20 e 30 do século XX. Dissertação (doutorado) - UNICAMP, 2002.

CONCEIÇÃO, Andrea. **Casamento e amor na perspectiva de Emma Goldman**: uma questão de "fábulas matrimoniais". Rio de Janeiro, ANPUH, 25 set. 2020.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? *In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História*: novos objetos. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

FERRO, Marc. **História e Cinema**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Manoel Barros da Silva (org.). Trad. Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Dito & Escritos, v. 5).

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. (Vols, I, II, III).

GOLDMAN, Emma. “**A tragédia de emancipação feminina**”. São Paulo: Le Monde Diplomatique Brasil, 2011. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/atragedia-da-emancipacao-feminina/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

GOLDMAN, Emma. “**Vivendo minha Vida**”. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2015.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1992.

JOFFILY, José. **Anayde Beiriz, paixão e morte na revolução de 30**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira das Artes Gráficas, 1983.

JOFFILY, José. **Fatos e versões**. Londrina: Gráfica Londrina, 1976.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

LUNA, Maria de Lourdes. **João Dantas e Anayde Beiriz vidas diferentes, destinos iguais**. João Pessoa: A União, 1995.

MACHADO, Charliton José dos Santos. NUNES, Maria Lucia da Silva. **Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2011.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral**. Minas Gerais (1890-1948), UNB, 2007.

MALATIAN, T. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Regina de. (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATOS, Maria Izilda Santos de. História das Mulheres e das Relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectiva. **Mandragóra**, São Paulo, v. 19, n.19, p. 5-15, 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/4503/3796>>. Acesso em: 02 dez. 2021

MATTOS, Raimundo César de Oliveira. **As Cartas Revelam**: analisando o oitocentos através da correspondência. Rio de Janeiro, ANPUH, 2010.

OLIVERI, Jonas. **O jornal. Parahyba**, 20 de Julho de 1924.

OLIVEIRA, Iranilson B. de. Rebolando com o magistério: um estudo de caso sobre Anayde Beiriz. **Mneme**: revista de humanidades, Rio Grande do Norte, v.1, n.1, ago./set. de 2000.

PARAHYBA Mulher Macho. Produção de Tizuka Yamasaki: YouTube, 2022. Rio de Janeiro: EMBRAFILME. Roteiro: José Joffily Filho e Tizuka Yamasaki, 1983. Bobina

cinematográfica (88 min), son. color., 35 mm. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=JWBIBQS7MLG>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

PERROT, Michelle. **A minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, Mariza de Oliveira. **Anayde Beiriz e a Escrita de si** (educação, história e relações de gênero). Natal: UFRN, 2008.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. A sexualidade feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultural literária feminina no Brasil, 1900-1932. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.14, n. 28, 1994.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1980-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

RODRIGUES, Alzira de Cássia da Silva. **Tessituras de uma Era Nova: Paraíba dos anos 1920**. Disponível em:
<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363888362_ARQUIVO_ARTIGOANP_UH-TessiturasdeumaEraNova.pdf>. Acesso em 15/03/2022>. Acesso em 19 jan. 2022.

ROSENSTONE, Robert. **História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens**. O olho da história, Salvador, v.1, n.5, p.105-116, 1997

SALES, Ana Maria Coutinho de. **Tecendo fios de liberdade: escritoras e professoras da Paraíba do começo do século XX**. Recife: UFPE, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade: Mulher e educação**. v.15, n. 2., jun./dez.1989. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%c3%aanero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2021

SILVA, Alômia Abrantes da. **Paraíba Mulher-Macho: tessituras de gênero, (desa) fios da História**. Tese (Doutorado em História) Recife, PPGH/UFPE, 2008.

SILVA, Aurení Maria da. Anayde Beiriz: mulher moderna numa Paraíba antiga. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa. v 16, n. 1, p. 117-137, 2016.

SILVA, Aurení Maria da. **Educação e emancipação feminina na Paraíba nas primeiras décadas do século XX**. Lisboa: FCSH, 2016.

SILVA, Josefá Dionísio da. **Esquecida ou negligenciada: o arquivo pessoal de Anayde Beiriz**. João Pessoa, 2014.

SOIHET, Raquel. Sutileza, Ironia e Zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação. **Labrys**, Brasília, n. 04, ago/dez 2003. Disponível em <https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/rachell.htm> Acesso em 19 jan. 2022.

SOUZA, Vitória Diniz de. **Megeras, agressivas e revoltadas**: uma análise dos discursos antifeministas na imprensa paraibana nos anos 1920. Guarabira: UEPB, 2017.

VIEIRA, Eudésia. A mulher. **Revista Era Nova**. Parahyba do Norte, 15/04/1 de abril de 1922, p.4.